

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSE, 25.
 —
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

«Foi pronunciado pela pratica de advocacia administrativa nas repartições do governo federal, o senador J. L. Mitchell.»

Esta singella noticia, transmittida pelos multiplos cabos que ligam, através do Atlantico, a America do Norte á Europa, cavou funda impressão nos frios cerebros britannicos, provocou em Pariz muitos *Tiens!* de surpresa, porque os povos latinos, eivados de má vontade aos povos apressados, estavam persuadidos de que, na terra dos *trusts*, dos argentarios, dos fabricantes de coisas novas, dos accumuladores de millhões, a moral era um reduzido compendio de fórmulas convencionaes e a lei penal um espantallo para os negros, para os imigrantes, para os repudiados pela fortuna, para as victimas dos desastres da audacia.

Os ingenunos gaulezes suppunham que naquelle paiz de maravilhas, de surpresas estupendas, a marcha vertiginosa não permittia se considerassem aquelles e outros peccadilhos em alguns paizes latinos, infracções vulgares tão entranhadas nos costumes que a advocacia administrativa parece uma função subsidiaria das funções politicas dos representantes da nação.

Estavam os francezes muito certos de que, nos Estados Unidos da America, havia intermediarios altamente collocados nãs regiões officiaes, conhecedores de todas as secretas devezas conducentes aos gabinetes dos ministros, homens de talento, ou vulgaridades manhosas servindo de intermediarios prestigiosos para a conquista das graças, da boa vontade ou da simples tolerancia do governo, homens indispensaveis tendo nas mãos gananciosas as miraculosas chaves do successo.

Pensavam ainda os futeis francezes

que, naquelle paiz dos improvisos deslumbrantes, em todos os ramos da actividade humana, um pretendente qualquer, tanto que apparelhava um projecto, uma concessão, ou engatilhava um assalto aos cofres publicos, a primeira diligencia a fazer seria descobrir o homem para o ministro, o canal directo, infallivel, conduzindo a pretenção ao desejado porto.

Pensavam que esses homens indispensaveis constituiam, em torno dos agentes do poder, uma especie de crivo, através do qual deveriam forçosamente passar as pretenções licitas ou criminosas, assim como os direitos carecedores do apoio dos executores da lei, crivo fino no qual as pretenções e direitos perpassavam filtrados deixando uma grande parte da sua substancia.

Um infeliz, por exemplo, fatigado de empregar os meios legais de protecção do seu direito, de percorrer, repellido, desconsiderado, as secções de uma repartição publica cheia de empregados impassiveis, anestesiados pelas constantes commoções dos palpites do jogo do bicho, que é um suggestivo *sport* universal, encontra providencialmente o homem predestinado, confia-lhe o seu negocio, lubrifica-lhe as mãos e... em poucos dias, em algumas horas, a sua pretenção caminha sobre carretilhas, de successo em successo, até receber a cousagração suprema.

Os deveres do functionalismo não obrigam a sacrificios, a trabalho excessivo, a esforço anormal em beneficio dos interesses das partes. Estas que se cócem se têm pressa, que empreguem os meios justificados pela legitimidade dos fins, que paguem áquelles que vão trabalhar para lhes darem a victoria, anciosamente, pacientemente anhelada.

Além disso, o dever primordial de um empregado publico deve ser crear escrupulosamente toda a sorte de embaraços ás partes, estudar demorada-

mente, criteriosamente, os negocios para evitar os açodamentos perigosos. E, como os interesses nacionaes estão acima de tudo, é de rigor que, depois de penosa odyssea uo *mare magnum* do papelorio, a causa mais liquida, mais simples e mais evidente, durma sob a pedra dos escrupulos ministeriaes, até que venha accordal-a o prestigio do homem que póde tudo.

E' natural que, orientados por tão incorrecta noção dos habitos administrativos da America do Norte, os futeis francezes fôssem sacudidos por um espasmo de estupor, sabendo que, naquella terra, um senador fôra pronunciado por exercer advocacia administrativa nas repartições federaes.

* *

O nosso Brazil que, para a maioria dos povos cultos, não se libertou ainda dos cocares de pennas da selvageria indigea, mirando-se naquelle espelho, não encontra reflexos da sua physionomia exotica.

A moral varia através dos costumes, do tempo, dos accidentes, das intemperies do meio, de que a organização social e as leis são o genuino transumpto. Aquillo que foi horrendo crime numa epocha, no seio de uma nação, poderá ser, em outro tempo, nos limites do *habitat* de outro povo, acto meritorio. Os prismas da moral variam, infinitamente, successivamente, sob a influencia radiosa dos phanaes do progresso, modificando os aspectos e a expressão dos actos e dos factos no conjuncto das relações humanas, desde as mais simples minucias do traje até ás solemnes funções sociaes, desde a nudez innocente, encantadora, até os supremos requintes da elegancia, desde as instituições primitivas, patriarchaes, até o complicado mecanismo da direcção das sociedades modernas.

Nós estamos ainda na crise da puberdade: mantemos ainda vestigios da nudez de povo barbaro, mal desfar-

çados pelos pudores perversos das nações superiores e por isso conservamos certo horror supersticioso ás praticas, aos processos vulgares, fóra do nosso paiz, no dominio das amplas tolerancias da civilisação, que não se embaraça nessas teias de fragilissimos melindres.

As nossas repartições publicas são verdadeiros modelos do fundo e criterioso espirito de justiça, presidindo com inexcedivel rigor a marcha da administração. Os nossos funcionarios, do mais humilde ao mais elevado, são abnegadamente consagrados ao serviço do povo.

Nós podemos, enfim, proclamar com justo orgulho, que estamos isentos dessa vergonha: nunca um deputado, um senador, do Imperio ou da Republica, foi levado á barra dos tribunaes, inculcado do horrendo crime de advocacia administrativa. .!

* *

Depois desta nota, nimiamente honrosa para os nossos creditos administrativos, aproveitaremos a oportunidade para communicar aos nossos leitores a auspiciosa transformação operada na Constituição do Estado do Ceará, o feudo typo da mais acabada olygarchia, o modelo das pequeninas dictaduras brazileiras.

O ponto capital da refórma é a reeleição do presidente do Estado, com a condição unica de fazer uma synalepha do poder trinta dias antes da eleição. Essa providencia é de grande alcance social e familiar para prevenir que as rédeas da capitania cearense passassem ás mãos de algum aventureiro, estranho á privilegiada familia, cujo estupendo chefe será um Porfirio Diaz caricato, a roer as unhas e os cofres do Estado.

Fica, dest'arte, assegurado definitivamente, sob solidos fundamentos de pedra e cal, o dominio dos descendentes do fecundissimo Abrahão cearense; a sua dynastia continuará a felicitar o Ceará por toda a eternidade, a meus que um impulso providencial suscite um vulcão do brio daquelle generoso povo, demasiadamente resignado á vergonhosa canga da incapacidade lérda.

E, para cumulo de omnipotencia, será nomeado juiz seccional do Ceará o droguista Studart, que é a sombra, o desdobraimento da pessoa do chefe,

uma especie de fiel creado, mudo, cego, surdo, passivamente obediente.

Passará ás mãos do dictador a unica parcella de auctoridade, á qual poderiam recorrer os cearenses em busca de protecção aos seus direitos; ficará completa, em todas as peças, a insaciavel machina do phantastico pagé.

Resta o vislumbre de esperança na intervenção do Supremo Tribunal Federal, para que não se perpetre essa derradeira iniquidade: — entregar a justiça federal a um cidadão droguista, em villigiatura no Congresso Nacional, um bom homem, um bom moço de bôa rédea, que, ha quinze annos, abandonou a toga, para se consagrar á fabricação de pillulas, de purgativos, de emplastos e lambedoiros.

Tenha o Supremo Tribunal piedade do pobre Ceará!

POJUCAN.



ARTE E IDÉAS

— Não desejo passar nunca o limite da contemplação! — disse-me elle, com resignado accentto.

— Mas, onde existe e qual é esse limite?

— Em toda e nenhuma parte; é um traçado idéal e arbitrario que encerra as sombras, as coisas e as idéas. Dentro delle, como nas linhas do horizonte, os olhos passam lentos e as idéas germinam vigorosas. Sabes? Eu sou o homem como espelho, blóco de crystal onde tudo se reflecte e que tudo apprehende na sua indefectivel transparencia. E não sou incoherente, provo-te.

— Não precisa; eu entendo. Choca-me, porém, a contradicção entre o teu principio e a lei da vida. O sêr vivo só contempla por accidente e sómente quando repousa da acção; mesmo assim, si elle contempla, age, e desse modo resta falsa a tua comparação do homem espelho, passivo e simples reflector de luz, fórmias e movimentos.

— E' que — respondeu-me — tu não queres differenciar a arte das idéas, não queres ver naquella o repouso e nesta a actividade do espirito humano. Eu distingo, e, com a suavidade possivel, divido profundamente as duas grandes manifestações espirituales. Por motivos que sabes, fico na parte onde me acalento e entorpeço na clara e doce contemplação cujos limites variam do nada ao infinito. Um irreductivel egoismo intellectual me faz receber o maximo e transmitir o minimo; e accumulô, amasso, multiplico as acquisições e as conquistas

da vida, até que a superabundancia me faça rebentar numa gloriosa explosão. Imagina tu quantos atrictos, quantos choques nesse accúmulo de coisas vindas sem cessar do mundo exterior, que não tem fim, ao vaso de crystal de minha arte, limitado e delicado! Desse tumulto, dessa desordem nascem todas as incoherencias que conheces na minha arte, egual a toda a arte, mas differencial de todas pelo exclusivismo de uma contemplação incansavel. As incoherencias! olha tu, são os pontos falsos nas soluções de continuidade das coisas, são a palavra da paz entre os inimigos irreconciliaveis; são, por violencia, o equilibrio instavel na eterna mutação da vida. E' dellas a obra de arte feita tão sómente para justificar uma incoherencia. Deixa-me divagar, estou hospedado entre as idéas, transfuga da arte que o momento entibiou e matou. Penso porque sou um doente, o pensamento é a morbidez, é a superexcitação das cellulas nervosas que sobram no homem e faltam no crystal.

«Que damno pensar! olha o brilhante, mineral radioso onde ha todo o brilho das estrellas, toda a belleza do Universo e toda a poesia dos seculos! Entretanto, inutilmente buscarás nella a cellula nervosa que adoce e prodúz as idéas. O diamante é uma synthese, um cerebro é a analyse; aqui todo o mal, todo o desvio, toda a imperfeição; nelle, toda a pureza, todos os fulgores, todo o iris da luz mater universal e eterna.

«Compara-me tu mesmo, olha-me e ouve-me neste momento em que meu cerebro se activa em produzir idéas, e lembra-te de mim quando me vês estatico, hipto, mineralizado na contemplação de um trecho vivo qualquer do céu, da terra, da cidade ou do mar. Pelas idéas, eu caio na agitação commum das nevropathias incuraveis e me desgarro pelas sendas vãs que levam ao nada e á treva.

«Pela arte, com a contemplação, eu me petrifico e não me destrúo nunca, nem mesmo como o espelho pela irradiação da luz increada fonte de todo o bem e de toda a belleza; eu não acabo nunca e recomço sempre, sou um centro do infinito cyclo do Cosmos imperecivel, e vivo sem finalidade, sem a contingencia do aniquilamento que é dos sêres organizados. E o sêr organizado é o sêr que pensa, seja um infusorio, seja um Laplace ou um Darwin; a idéa é adstricta á cellula e condição do sêr, pelo instincto ou pela razão. O crystal é tudo; puro, elle não tem em si a causa do ser e do não ser; eterno, elle se desaggrega sem se destruir, e, qualquer que seja a sua transformação, é sempre um crystal; bello, elle apprehende tudo e nada dissipa, nem mesmo a luz que

se cõa atravéz da sua transparencia, ou que reflecte na sua lucidez radiante. Oh! se eu fõsse crystal, si eu pudesse, pela intuição da arte, crear em mim o primeiro typo da humanidade espelho!

— Entretanto, meu amigo, — fallei eu—tendes pela arte para a crystallisação, mas vê lá que só pelas idéas interpretas a suprema belleza e a immortalidade. Sem as idéas, não conhecerias dessa arte gloriosa que tem na contemplação o vertice e a base da terra de crystal de tantas illusões consoladoras. Com a arte o crystal se define, mas só pelas idéas elle apparece e resplende. Queres saber o que são as idéas, a grande acção, o fermento das cellulas nervosas no cadinho da pathologia salvadora? Olha em torno de ti, debruça-te numa das ameias do teu castello de arte, e contempla no limite que não quizeres definir e transpor. E' o mundo, a vida, a gloria. Naquelle, o movimento perenne desta para a raia inatingivel dessa; na vida, o calor de myriades de machinas autonomas percorrendo a Terra pelo aceno da gloria, e nesta o vago, o indefinido, o oscillante de uma synthese sem definição da vida no mundo. E' ali tens tu o que são as idéas, o celleiro que tudo provê, nectario que tudo perfuma. Onde quer que a vida páre, a idéa continúa, e o infinito só existe porque as idéas o abraçam. O mundo moderno é filho das idéas que repercutiram, como echo, as lembranças das nossas origens para as esperanças do nosso destino. Tudo se creou, tudo se desenvolveu, tudo germinou ao calor das idéas, a arte que tu vêes no espelho do crystal, o bem que vemos nós na serena belleza, a força que retém na orbita um planeta ou faz saír um suspiro de um coração maguado; a fórmula que vem da hyperbole de um astro á calote de um seio de mulher; a natureza onde verás um tigre adormecido entre lyrios e um raio alambreado de luz rindo gloriosamente num paúl, toda a contradicção, todas as antitheses que as idéas desbravam na apparencia e conjugam na essencia. . . Por ellas, verás a tua arte crystallina, ferida de impotencia, arrebatarse num surto incommensuravel por tudo quanto é azul para tudo quanto é de ouro, e cair de novo no esplendor torturante da analyse do mundo em que vivemos, deslumbrada da redução synthetica do Cosmos que é o homem-pyra da combustão inapagavel do idéal.

«Si eu fõsse mais artista, dava-te em um symbolo perfeito a omnipotencia e a omnipresença das idéas nessa mesma chimera de crystal que denominas diferencialmente, tomando um effeito por uma causa automotora. Deleitosa illusão de uma febre algida em que o delirio toma as allures da

razão, e discute e constróe e exemplifica como na geometria anti-euclidiana dos sophistas allemães.

«A arte é a confusão da perspectiva com o plano, do echo com a vibração, do reverbero com o jacto da luz, do fumo com o brazeiro, do movimento com a força, da onda com o oceano.

As idéas, como pois? as idéas são a verdade objectiva, o plano e a construcção que nelle se levanta, e como o mar, como o céo, como a luz, como o som, como a força, tudo dellas irradia na creação immortal.

Calei-me. Elle me replicou:

—Divagamos e não edificamos. Se procurarmos o essencial nesta logomachia, acharemos ainda o crystal da arte na nossa falhada pretensão da belleza em apresentarmos os nossos principios. Somos uns doentes e agravamos o mal que não podemos definir e curar. No nosso espelho está gasto o aço e embaçado o crystal. Nós não somos artistas; quando o fõssemos e quando o fõrmos com a reconquista dos nossos instinctos, falhar-nos-á a expressão, a expressão que é para a arte—summula do mundo—o veneno, o oxydo que mina a lamina faiscante. Porque tu vêes que o sonho eterno é a incorruptibilidade, e este attributo, chimerico no homem, é ingenito no crystal, sophistico nas idéas, é irreductivel na arte. E' a vida commum então? Onde encontraremos nós idéas que a pacifiquem numa longa, lenta, suave, serena e magnifica contemplação de que o extase é o limite e o motivo?

—Idéas! idéas!

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

OS HERÓES IGNORADOS

Por iniciativa das senhoras do Oregon, acaba de ser erguida, em Portland, uma estatua de bronze a Sacawea, uma india cuja bravura, lealdade e coragem conduziram a expedição de Lewis e Clark, na descoberta e conquista do territorio noroeste dos Estados Unidos da America.

Essa admiravel estatua, que representa uma mulher da tribu Shoshone, fõi modelada pela esculptora Alice Cooper, e fundida com metal do Oregon.

Não é a primeira estatua com que o povo norte-americano commemora os seus heróes ignorados, os heróes indigenas que auxiliaram a expansão da civilisação naquelle continente. Nos formosos parques de Chicago e outras cidades, se encontra, em bellas figuras de bronze, a recordação de notaveis *peles vermelhas*, com os seus pittorescos trajés exóticos, a par das estatuas equestres dos generaes, dos estadistas,

dos homens de lettras que collaboraram, com a sua bravura, o seu genio e o seu patriotismo, na grandeza assombrosa daquella nação incomparavel.

Esse facto nos suggere a consideração de que, nós, brazileiros, muito devemos aos chefes indigenas que auxiliaram lealmente os nossos descobridores no insano trabalho de iniciar a conquista civilisadora do nosso vasto e riquissimo territorio. Não se nos apagaram da memoria os feitos heroicos de Felipe Camarão, de Arcoverde, de Henrique Dias e outros, figuras respeitaveis que atravessaram a nossa historia colonial com intenso brilho, deixando pegadas honrosas no mesmo caminho trilhado pelos grandes capitães que projectaram o imorredoiro fulgor glorioso das armas portuguezas em terra americana.

A nossa gratidão áquelles obscuros heróes se limitou a mencional-os, como personagens anedoticos, nas magras paginas dos nossos compendios de historia, livros didaticos de pura mercancia, escriptos para explorações de livrarias, sem éstro, sem preparo de pesquisas nos thezouros dos nossos archivos, da nossa riquissima bibliotheca, sem criterio de historiador, copiando em mesquinhos resumos de poucas obras de valor, que não passaram das estantes dos eruditos para os bancos das escolas.

Gonçalves Dias, no *Yjuca-pirama*, José de Alencar, no *Guarany*, burilaram com paginas de finissimo labor magnificos typos da nossa raça autoctone; mas ao tributo da poesia e da arte se deve associar o do patriotismo do povo, no empenho de commemorar a obra benemerita dos heróes ignorados.

Ninguem ousaria levar a effeito a idéa de erguer em uma das praças das nossas capitaes a estatua de um indio como Camarão, de um negro, como Henrique Dias; seria isto uma coisa ridicula para um povo que conspurca os admiraveis baixo-relevos do pedestal da estatua de Jesé de Alencar, trabalhos do sr. Rodolpho Bernardelli; para um povo que, pelos conceitos dos seus homens notaveis, reputa *O Guarany*, romance, uma estopada condoreira e *O Guarany*, opera, uma cacophonía insupportavel para quem ouve musica de Wagner, muito embóra não a comprehenda.

O *snobismo* de contrabando que está grelando entre nós, com vigorosa pujança, não supportaria a estatua de um caboclo, vestido de pennas, ataviado de missangas, armado de arco, flecha, tacape, embocando o boré para chamar ao combate as hostes tapuyas.

Para prova do nosso máu gosto, basta que o indio figure entre as refulgencias geniaes da mais vulgarizada obra da litteratura nacional.

Apezar disso, desses conceitos de

homens superiores, pensamos que nada ha mais commovente do que incluir, entre os benemeritos do nosso culto civico, os heróes ignorados que fôram abnegados fundadores da nossa nacionalidade.

CUJAS.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Aviação — Os helicopteros — O mais pezado que o ar — Em Monaco e Genebra — Algumas experiencias.

O aperfeiçoamento dos balões dirigiveis, as conquistas de Santos Dumont e Lebaudy não esmorecem a actividade dos partidarios da aviação.

Até agóra, as experiencias não haviam produzido resultados effectivos; mas, recentemente, no principado de Monaco, um homem se elevou aos ares num apparelho de voar; subiu e desceu sem o menor incidente, e a machina se mostrou tão pujante que foi necessario, por prudencia, calmar-lhe a energia desenvolvida.

Essa experiencia animadora ficará celebre.

O apparelho empregado é do typo de helicoptero, conhecido brinquedo de creanças; compõe-se de uma haste de trinta centimetros tendo na extremidade, tres ou quatro pequenas pás em fórmula de helice, e um fio de borracha enrolado na base como a linha de um pião. Solta essa móla elastica, que imprime movimento de rotação ao eixo, todo o systema, mais pezado que o ar, se eleva rapidamente.

Maurice Leger, engenheiro do principe de Monaco, continuou o estudo dos helicopteros e foi auctorizado a construir uma primeira machina do typo experimentado com resultado que auctorisa a esperanza de conduzir, pelo espaço, durante algumas horas, muitas pessoas.

Como os helicopteros, o apparelho estudado comprehende um eixo commum de duas helices superpostas, gyrando em sentido inverso. O eixo é vertical na posição de subida e se inclina á vontade para obter a translação horisontal ou obliqua. Na subida e na descida, pôde-se orientar o apparelho como um leme. As helices medem seis metros e vinte e cinco centimetros de diametro e um metro e setenta e cinco de largura; são construidas de folhas de aluminio, recurvadas e muito rijas, pezando vinte e um kilos cada uma. O apparelho completo, comprehendendo helices, eixos, peças de entrosagem, excepto o motor, peza oitenta e cinco kilos.

Não se empregou motor nas primeiras experiencias, sendo as helices impulsionadas por um dynamo installado em terra com uma força de seis cavallos, produzindo quarenta voltas por minuto. Pôde-se assim erguer uma carga de mais cem kilos, e foi necessario moderar o impulso do apparelho para não rebentar o tecto de um salão do museu de oceanographia de Monaco, onde se fizeram as experiencias.

Em seguida, augmentando-se o pezo morto com cincoenta kilos e elevando a força do motor electrico a dez cavallos, a ascensão foi tão violenta que se quebraram as oito cordas que sustinham o apparelho, apesar de ser cada uma dellas capaz de suspender um homem. Depois disto, augmentada a força do motor a dez cavallos, o dr. Richard, director do muzeu, não hesitou em se collocar numa das pranchetas fixas do apparelho, sendo elevado com a mesma facilidade e violencia das experiencias anteriores, resultando que o helicoptero suspendeu com extraordinaria facilidade um homem de 74 kilos, com um lastro de 26 kilos e o seu proprio pezo, representando os 26 kilos o pezo de um motor electrico que poderia ser nelle collocado.

Maurice Leger concluiu dessas experiencias que, com o duplo do apparelho, será possivel suspender 800 kilos, um motor de 100 cavallos, comprehendendo as provisões de essencia para uma hora, ou 200 kilos, um viajante ou 75 kilos, ficando disponiveis 525 kilos, que poderão ser aproveitados para obter maior rapidez horisontal, mais combustivel, outros viajantes e maior duração da marcha.

Em Genebra, os srs. Dufaux, fizeram tambem um helicoptero de demonstração com motor montado no apparelho, fornecendo pouco mais de tres cavallos, sob o pezo de 45 kilos, comprehendendo o carburador, os accumuladores, lubrificadores, volantes e o reservatorio de benzina, representando tudo um e meio kilo para cada cavallo-vapor.

As quatro helices, de dois metros de diametro, gyram 250 vezes por minuto, suspendendo um pezo de 24 kilos, e como o apparelho completo peza apenas 17,5 kilos, resta uma força ascensional disponivel de 6,5 kilos. Afim de evitar a partida violenta, como no helicoptero de Maurice Leger, as helices não são impulsionadas directamente pelo motor: são fixadas sobre o eixo de rotação e são postas em acção progressivamente por meio de um dispositivo especial.

As experiencias desses apparelhos fôram as mais animadoras possivel e promettem rapidas progressos do systema de conquista do espaço pela viação, imitando o processo natural dos corpos pezados que o povôam.

O juiz contemporaneo, segundo o criterio do «bom juiz» — A applicação humana e social das leis.

São do famoso presidente Magnaud, o propagandista da applicação humana e social das leis, as observações que, com prazer, trasladamos da imprensa pariziense.

«A recente inauguração do Congresso de Direito Penal, sob a presidencia do Guarda dos Sellos, indúz-me a examinar qual é e qual deveria ser, na minha opinião, o estado de espirito do juiz contemporaneo.

Refiro-me ao juiz de profissão, ao magistrado de carreira.

Sejamos, antes de tudo, solictos no reconhecimento dos seus meritos. O juiz profissional é, geralmente, homem de solida instrucção, de espirito familiarisado, talvez em demasia, com todas as subtis questões da jurisprudencia, com sufficiente noção dos problemas politicos e sociaes da actualidade. Não ha duvida sobre a sua moralidade, porque elle cresceu num meio abastado, de mediania, de virtude, muito observada, porque depende de minimos esforços. Tal qual o definimos nestes traços geraes, esse juiz offerece garantias serias á administração da melhor justiça para todos?

Era de esperar; entretanto, se elevam de toda parte clamores ou murmurios contra os tribunaes contemporaneos, aos quaes se imputam demasiados rigor para com os desherdados da vida, demasiada indulgencia em relação aos gatunos de alta roda, ou aos cidadãos em revolta politica ou religiosa contra a Republica. Facto ainda mais caracteristico: bastou um pequeno tribunal de provincia proferir algumas decisões, em que um pouco de equidade, de clemencia e bondade contrariavam as interpretações tradicionaes escolasticas, para que fôsse qualificado de Bom Juiz, o magistrado que tem a honra de presidil-o.

Si quizermos comprehender o magistrado contemporaneo, é mistér continuarmos, com mais apuro, o esboço traçado, e indaguemos si as qualidades que lhe reconhecemos não são a mascara ou mesmo a causa dos defeitos que se lhe imputam.

Esse homem, já o dissemos, recebeu uma instrucção e uma educação integraes. A que fracção do corpo social pertencem aquelles dotados por acaso com esse favor? Deve-se dizer, para vergonha da burguezia: são seus filhos os unicos a gozarem desse privilegio. Para a gloria da burguezia, é grato verificar que nasceram do seu seio os sabios e os pensadores que, no curso do seculo dezenove, encontraram a solução de tantos problemas scientificos, economicos, sociaes, e deram ao espirito humano o grandioso impulso decisivo. Mas, para a vergonha da burguezia, somos forçado a reconhecer

que, no seu egoismo, ella se reputou a medida commum da humanidade, que ella modelou tudo pela sua propria mentalidade e que as actuaes noções do bem e do justo lhe não parecem accetaveis e dignas de sancção si não trouxerem a estampilha do seu espirito calmo e demasiado pratico.

O juiz é sempre recrutado nos meios burguezes. Installando-se no pretorio, traz todas as qualidades e todos os defeitos de sua origem e por isso permanece sempre homem de casta e de uma classe. Quando o seu tribunal é a encruzilhada onde se encontram todas as miserias e todos os desfallecimentos humanos; quando os dramas, grandes e pequenos, da vida, exhibem deante delle as suas supremas scenas, o juiz contemporaneo, longe de collocar, em geral, o seu coração e o seu espirito ao alcance dessas miserias, julga mais conveniente refugiar-se na apparente dignidade, na frieza, impostas pelos prejuizos da sua casta. A mãe que, abandonada de todos e por todos, tirar, sob o irresistivel impulso de conservação, um pão de um mostrador de padaria para se salvar e salvar seu filho de morte imminente, não passa, para elle, como para toda a jurisprudencia, de uma *ladra*. O vagabundo, que se arrasta de tribunal em tribunal, não é, aos seus olhos, por ser miseravel, mais do que um sêr perigoso para a ordem publica. Jámais lhe ocorre a idéa de que esses miseraveis, aos quaes se faz, na realidade, um processo de tendencias, são, talvez, antes de tudo, victima das iniquidades do contracto social. E si, por acaso, um juiz profere, em favor de um vagabundo ou de uma meretriz mãe, a sua sentença, sem a marca dessa fria crueldade característica da justiça habitual, ella é incriminada, pelos prophetas das classes dirigentes, de humanitarismo ameaçador, de sentimentalismo idiota e de violação da lei.

E' todavia, muito facil responder a esses pontifices que o juiz, estatuinto de tal maneira, se inspira num principio que é reclamado e praticado, invariavelmente, por aquelles a quem cabe qualquer parcella do poder publico ou social, isto é, ser a mellhor das justizas a dos pares do accusado.

Na maior parte dos paizes europeus, os príncipes, os magistrados, os officiaes, os altos funcçionarios, são submettidos a tribunaes de excepção, compostos, exclusivamente, de pessoas da sua classe, sem duvida porque se considerou que, para apreciar a mentalidade e a moralidade desses altos funcçionarios, era indispensavel fôsem examinados por homens de mentalidade e moralidade identicas ou proximas ás suas. Não importará isso em sentimentalismo erigido, si não em principio, pelo menos em privilegio?

Para os filhos do povo, o legislador jámais tomou tão benevolos e attentiosas precauções: entrega-os, confusamente, a juizes de natureza, si não hostil a desgraçados, pelo menos muito differente; a juizes que, armados com os textos legislativos, applicam, mechanicamente, penas mais preoccupados de não se afastarem dos arestos tradicionaes da jurisprudencia do que de se collocarem ao alcance dos accusados, de procurarem discernir as causas remotas ou proximas de seus desfallecimentos e de corrigirem, com um pouco de equidade e de misericordia, aquillo que os textos encerram de cégo e brutal.

Não occorre, certamente, á idéa de taes magistrados, que os crimes, por elles reprimidos, poderiam ser facilmente os seus, si não nascessem noutro meio, e quando, por acaso, semelhante pensamento lhes atravessa o cerebro, elles o repellem logo, como indigno, descabido, sómente proprio, afinal de contas, para jurados.

A opinião publica, entretanto, não se engana: entre a justiça dos juizes de profissão, e a dos juizes de occasião, os jurados, ella não hesita.

E' que os veredictos do jury, além de testemunharem o desejo de protegerem a ordem social, têm o cunho dessa justiça emanada do coração, justiça que não reputa fraqueza o facto de tratar com suprema piedade o accusado no momento de condemnal-o.

Mellhor obra de conservação social, realisariam os tribunaes si os magistrados, que compõem, alliassem aos conhecimentos do jurisconsulto o estado de espirito do jurado, si se lembrassem serem homens fracos, imperfeitos e que, máu grado seu, os unem laços de solidariedade aos seus réos.

O juiz contemporaneo responderia mellhor ao voto da opinião e ao esplendor de sua fuucção si, quebrando as velhas fórmulas, abandonando as attitudes e os prejuizos impostos pela sua educação, si se tornassem equitativos e si se compenstrassem de que um tribunal não é uma academia juridica, onde, sobre o costado das partes, é lícito manobrar em torneios dispendiosos da mais subtil causuistica.

E' soberanamente desanimador que, em 1905, para resolver um litigio, o juiz, abdicando a sua personalidade e se crystallizando nas tradições de outra epocha, copie a sua sentença actual das collecções poeirentas de 1810, de 1820 e de 1830. Entretanto, num paiz democratico, como a França, o papel de juiz, para satisfazer o povo, em cujo nome a justiça é executada, é dos mais simples: falta-lhe, para exercel-o, ser campeão da justiça de equidade contra a justiça juridica, essa chaga social.

Procedendo dessa maneira elle se conformará sempre, si não com a let-

tra da lei, pelo menos (e ali está a verdade) ao seu espirito, á sua força viva e activa, porque o pensamento do legislador, quaesquer que sejam as apparencias contrarias do texto emanado de suas deliberações, não poderia jámais deixar de ser alto e bello, portanto exclusivo de toda a iniquidade nas suas consequencias praticas.

Isto, como se vê, é muito simples — não cansarei de repetil-o — simples como tudo o que é justo. Póde-se mesmo afirmar que é demasiado simples, e os profissionaes do direito, aquelles que primam em rachar em quatro os cabellos da lei e em crivar de obstaculos o caminho da justiça, para fazer, estremecendo de bem estar, apanhar uma pélla á equidade; aquelles, finalmente, que vivem desse *sport* juridico, destinado a suffocar a verdade, clamam contra essa concepção da justiça, baseada na equidade, e a tratam de charlatanismo.

E si magistrados, compenetrando-se da amplitude da sua missão, provocassem com suas sentenças a attenção do legislador sobre certas imperfeições da lei, tão acoimadas de excesso de attribuições, como si o juiz, executando a lei diariamente, não estivesse, melhor do que niuguem, em condições de lhe verificar os defeitos de applicação para indical-os. Sobre este pouto, é opportuno citar a opinião de um dos mais illustres philosophos do direito, o professor Bovio, deputado ao parlamento italiano, dizeudo no tribunal de Napoles: — «Podeis indicar os principios que devem transformar a legislação, sem esquecer a vossa função pretoriana». O eminente primeiro presidente da Côte de Cassação o sr. Ballot-Beaupré declarou, na solemnidade do centenario do *Codigo Civil*, «que o juiz não se deve demorar em verificar qual foi, ha cem annos, o pensamento dos auctores do *Codigo*, na redacção de tal artigo, mas indagar qual seria esse pensamento si o mesmo artigo fôsse, actualmente, por elle redigido.

Todos os magistrados actuaes não são refractarios a essas largas e generosas idéas. Tenho a prova de que muitos, dentre elles, as professam e não vacillaram, na sua franca applicação, ante o ostracismo que fulminou, em algumas das altas esferas officiaes, aquelles que tomaram a iniciativa e as praticaram, conscienciosamente.

Mais ainda: magistrados, homens emineutes de todos os paizes prodigalisaram a sua energica e preciosa animação áquelles que o ousaram. Um dos estadistas mais notaveis da nossa epocha e mais queridos do povo, o sr. Léon Bourgeois, escrevia: «Não cesso de acompanhar, senhor e caro presidente, com toda a minha sympathia, o vosso esforço corajoso e

perseverante para tornar verdadeira, humana e social, a applicação das leis, e penso, lendo as vossas sentenças, na obra do pretor que conseguiu tornar viva a velha, a rigida fórmula romana.

Si taes palavras constituem, para aquelles a quem fôram dirigidas, uma alta, uma preciosissima satisfação moral, ellas demonstram, tambem e sobretudo, que não se devem reformar as leis, mas o espirito dos seus executores, porque o valor da lei depende do valor do juiz.»

A ARMADA NACIONAL

O nosso poder naval em 1864 — Ainda a sua deploravel fraqueza segundo o relatorio dos proprios ministros.

O ministro Araujo Brusque, em 1864, dizia: «Da simples inspecção do mappa citado resulta que o estado de nossa força naval, já em relação ao numero, já confrontando-os com os melhoramentos que a sciencia tem modernamente introduzido na marinha de guerra, torna-se cada dia mais precario e fraco». O material de que actualmente dispomos, quer em qualidade, quer em quantidade, está muito longe de satisfazer ás necessidades do serviço a que é destinado, e mais ainda ás condições da tactica moderna. Carecemos de renovar a nossa esquadra, introduzindo na sua composição alguns navios de primeira ordem, capazes de pôr-nos ao abrigo de repentinos assaltos que se possam dirigir contra a soberania nacional».

Do livro *Marinha de outr'óra*, tiramos os seguintes trechos: «Posto se encontrasse em pleno estado de guerra com a Republica Oriental, o Brazil estava, por assim dizer, desarmado, quando o dictador do Paraguay arremessou-lhe o affrontoso cartel de desafio».

«Passado o momento agudo do celebre conflicto inglez, ninguem mais cogitou de preparar o paiz para a contingencia de uma guerra, chegando o fatal desprendimento ao ponto de que, um official do proprio exercito, o coronel Carneiro de Campos, presidente nomeado para Matto Grosso e, por notavel coincidência, a primeira victima de tamanho erro, oppoz-se na Camara dos deputados a pequeno augmento nos quadros da primeira linha, commungando talvez nas mesmas idéas de outro representante da nação, que, naquella recinto, não dividiu declarar que daria graças á Providencia se visse arder o ultimo navio da esquadra brasileira!»

Os poucos elementos de que ora dispomos não nos permitem conhecer o nome desse benemerito deputado, o

que verdadeiramente sentimos, a apostar em como, declarada a guerra continuou a ganhar o subsidio e acompanhou as operações, de longe.

Prosigamos, porém, na transcripção de topicos da *Marinha de outr'óra*. «Conhecia perfeitamente Lopez a fraqueza dos nossos elementos militares, etc.»

Então, a nossa *supremacia naval* não era conhecida pelo despota?

«As forças de terra, regularmente constituídas, que poderia o imperio enviar logo ao encontro das hostes inimigas, eram pouco numerosas, pois não excediam do pequeno exercito que sitiava Paysandú e dos corpos que, na fronteira, ou em marcha já para o estado Oriental, tinham por objectivo Montevideo».

«Para o cerco desta praça, decorrido mais de um mez, só apresentaram-se em linha 8.116 homens de todas as armas, e egual numero, no maximo, estaria arregimentado nas provincias».

A proposito dos arsenaes: «E convém advertir que em 1865 o arsenal da Côrte, como se denominava, exactamente o melhor dos que possuia o Imperio, longe estava de poder attender ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes. Faltavam-lhe espaço e muitos dos meios mechanicos adoptados pela industria moderna, que simplificam a mão d'obra e economizam material e tempo». E, sobre os nossos officiaes superiores: «Via-se, porém, o governo na impossibilidade de conferir-a» (promoção) «a muitos dos que sobresaíram, occupados como estavam os postos superiores, por officiaes de avanzada idade, já incapazes do serviço de guerra, alguns pelo peso dos annos, ou de molestias, outros pela diuturna permanencia em commissões de terra, perdidos, por essa causa, os habitos da vida do mar».

Do livro *Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira*, tiramos: «Se os elementos primordiales de nossa organização maritima sobreviveram á desidia dos poderes publicos no periodo de paz que se seguiu á guerra contra Rosas, foi, etc., etc. . . . «As denominadas estações navaes correspondentes aos districtos maritimos em que então estava dividido o littoral do Imperio, bem como as flotilhas do Rio Grande do Sul e de Matto Grosso, não eram senão commodas sinecuras em que apodreciam immobilizados os obsoletos vasos por ellas distribuidos e vegetavam em pernicioso inercia os officiaes e marinheiros nesses vasos embarcados. Não poderíamos dar idéa mais completa da fragilidade e atrazo do nosso estabelecimento naval, na epocha em que o paiz foi surpreendido pela aggressão do segundo Lopez do Paraguay, do que o fizeram dois eminentes escripto-

res. . . » referindo-se aos srs. visconde de Ouro Preto e dr. Joaquim Nabuco.

«Eis o acervo de um material naval obsoleto e avariado» (commenta o relatorio do ministro Brusque) «de onde devia sair a esquadra para resolver pelas armas as nossas pendencias com o governo de Montevideo, sem levar-se em conta complicações tanto mais provaveis quanto a mesma fraqueza da pequena Republica, a punha na dependencia de influencias externas que não deixariam de se conjurar contra a nossa pretendida supremacia no Prata».

Depois desse periodo, o almirante Jaceguay nos diz que, «por um esforço supremo» e «quando o Paraguay já se envolvera na contenda», o governo imperial conseguiu renir no Rio da Prata 15 navios e 11 canhoneiras a vapor e 2 transportes a vela. Para isso, para renir essa esquadriha em frente a Montevideo, as divisões navaes dos tres districtos em que se dividia o littoral do paiz, ficaram de facto supprimidas; na do 1º districto, cuja séde era o porto da capital, ficou um unico vapor em estado de navegar, o *Magé*; a do 2º districto ficou com tres barcos a vela; no 3º districto e nas flotilhas do Rio Grande e Matto Grosso, «apenas figurava uma poeira de pequenos navios de vela e de canhoneiras de roda».

Ah! as mentiras dos relatorios! Os ministros da Republica tambem téem sempre lamentado, depois da revolução de setembro, a nossa decadencia naval; mas, confessam sempre a excellencia de cinquenta, sessenta navios de guerra. Entre esses, o almirante Pinto da Luz, que chegou mesmo a descobrir vinte unidades de combate!

«Desguarnecida como ficou a nossa costa, com os seus pontos principaes indefezos, pôde um pequeno navio de guerra americano irrogar-nos impunemente revoltante insulto dentro do porto da Bahia.» Conta-nos a tomada do Florida pelo *Wassuchets*, e conclue: «E, enquanto o governo imperial impava de cioso dos direitos dos seus subditos na Banda Oriental, teve de conformar-se com a apparencia de satisfação que approuve ao governo de Washington conceder-nos por aquella inaudita affronta».

Devemos accrescentar que esse insulto foi feito a 7 de outubro de 1864, antes da aggressão paraguaya. E, se não fôra enveredarmos por um terreno diverso do que nos propomos tratar, fariamos considerações sobre o joguete que fôram posteriormente as gloriosas diplomacia e força militar do Brazil ante o gabinete de Washington.

O almirante Jaceguay, nesse seu livro, refere-se ainda á defeituosa organização do quadro de officiaes, victima de «um vicio radical», que o impossibilitava de accrescimento do referido qua-

dro correspondente ao accrescimento de material fluctuante, e diz tambem: «O maior defeito, porém, da nossa organização naval, patenteado durante a campanha do Paraguay, foi o da incapacidade para o serviço de guerra da maior parte dos officiaes superiores que figuravam no quadro do corpo da armada, e, «Das tres classes dos officiaes superiores, com o total completo de 106, só 32 saíram do paiz para tomar parte na campanha!»

Finalmente, da mesma obra copiamos: «A força naval do Brazil com que se abriu a campanha do Paraguay era absolutamente insufficiente, etc., etc., e, se as nações da Europa tivessem observado rigorosa neutralidade entre os belligerantes da contenda sul-americana, nem mesmo o encouraçado *Brazil*, cuja construcção fôra contractada na França antes da declaração da guerra, teria sido incorporado em tempo á nossa força naval.

Qual seria então o resultado, se, «Mesmo depois de augmentado o nosso poder naval com os 10 primeiros encouraçados», dos quaes 7 vindos do estrangeiro, tivemos de permanecer inactivos, impotentes, ante Humaytá, mais de um anno?

Temos assim exuberantemente provado quão fragil, em todas as suas manifestações, era a marinha de outróra ao romper a guerra do Paraguay. Transcreveremos, porém, ainda dois topicos do livro *Quatro seculos de actividade maritima*, escriptos pelo almirante Jaceguay, que deixam patente a imprevidencia dos estadistas do Imperio e a culposa e cega confiança numa supremacia naval bem inutil, sendo como era.

«A sobrançeria com que o governo brasileiro repellira a intervenção diplomatica de Lopez na pendencia em que nos achavamos envolvidos com a Republica do Uruguay, em 1864, explicava-se menos pelo deploravel despercebimento em que se estava no Brazil, do valor real da organização militar do Paraguay, do que pela exaggerada confiança que se tinha do nosso poder naval na America do Sul.»

«Contava-se com a esquadra imperial para pôr em bloqueio rigoroso a pequena republica mediterranea, emquanto a nação se preparasse para supplantar a em qualquer terreno a que nos arrastasse a superveniencia de guerra declarada, tida, aliás, como pouco provavel entre os nossos estadistas. Não podia, porém, o governo brasileiro assumir essa attitudo sem dispôr-se a sacrificar a provincia de Matto Grosso, destituida de meios adequados de defeza contra uma irrupção de forças paraguayas e separada dos centros de recurso do Imperio por extensas regiões quasi desertas.»

Egual a essa desidia, comparavel a essa ineptia, só a incompetencia reve-

lada por Francisco Solano Lopez, como estrategista, a despeito do grande valor que em geral se lhe attribue.

Patente como era que o Paraguay só poderia vencer ou obrigar o Brazil a acceitar pazes sob condições vantajosas para si, alcançando, de principio, uma ou mais victorias importantes, ou recebendo auxilio que distraísse as forças do Imperio, era logico que, disposto, havia muito, a romper com o Brazil, trouxesse a guerra a este, antes que o exercito imperial se houvesse concentrado em torno de Paysandú e Montevideo e prestasse mão forte ao partido blanco, no Uruguay. Se a columna de Estigarribia, mais numerosa do que foi, invadisse o Rio Grande quando a de Barrios invadiu Matto-Grosso, ou mesmo antes, e, em marchas forçadas fôsse alcançar, em toda a sua integridade, a Republica Oriental, o que lhe era facil, para ali apoiar o exercito blanco contra o Imperio e o general Flôres, embóra posteriormente fôsse sacrificada, (o que aliás succedeu) Lopez teria quasi certamente tirado ao Brazil um dos seus aliados — o Uruguay — que passaria, então, pelo triumpho do partido blanco, a inimigo do Imperio.

Ficaria ainda este na impossibilidade de prestar o auxilio effizaz que forneceu á Argentina, pois não teria podido distraír as suas forças do sul, e Lopez apossar-se-ia definitivamente de Corrientes, obtendo a alliança de Urquiza, que estivera sempre inclinado a unir-se ao tyranno paraguayo. E, feito isto, sobrar-lhe-iam os sessenta mil homens que manteve inactivos quasi, no coração do paiz, emquanto suas avançadas retiravam-se, desamparadas, ante o inimigo, que se ía approximando.

Mesmo depois, quando invadido já o territorio paraguayo, se Lopez tivesse jogado sobre o inimigo forte de vinte e quatro mil homens e que se deixou surprehender em Tuyuty, uma columna muito mais numerosa do que a que effectuou o ataque de 24 de maio, o que lhe era facil, poderia ter alcançado a victoria, que esteve a ponto de nos conquistar.

Então, em qualquer dessas hypotheses, como se não teria transformado a face da guerra, como nos não teria sido mais doloroso, esse já muito doloroso triumpho sobre o Paraguay, se nós o conseguíssemos?

Mas não queremos analysar os fálhos planos de guerra do dictador.

Supponhamos apenas que calcando o traço irrequieto do seu character, mixto de qualidades tão oppostas, character em que á irresolução se alliava o arrojo, elle aguardasse, para trazer a guerra ao Brazil, a conclusão e os recursos para o pagamento dos couraçados que encomendára, quando o Imperio não contava senão um em

estaleiros. Que seria então feito da nossa supremacia naval? De quem seria a victoria do Riachuelo? Quem guardaria o estuario do Prata, emquanto o Imperio construísse os seus monitores, sobretudo se a Europa guardasse neutralidade, não fornecendo a este, elementos de guerra? Quão fragil era, de facto, a nossa supremacia naval!

De tudo quanto vimos dizendo e provando, de tudo quanto transcrevemos dos livros dos srs. visconde de Ouro Preto e almirante Arthur de Jaceguay, tão conhecedores da nossa historia naval como os que mais o são, fica clara, positivamente evidenciado que, a não ser nas occasiões em que um perigo imminente punha em jogo a segurança do paiz, os estadistas do Imperio até 1864 nada fizeram de utilidade á marinha de guerra, no terreno pratico.

Os planos de refôrma do material baseados nas necessidades da nação «não saíam do dominio burocratico»; as refôrmas dos administradores que procuravam matar a rotina, olhos fitos no futuro, para o qual queriam preparar a marinha (e fôram pouquissimos esses administradores) encontravam resistencias baseadas na tradição; os ministros militares «sem terem prestigio politico que lhes permittisse dar ao Parlamento uma verdadeira orientação das coisas de marinha»; passada qualquer crise, «recaía-se na antiga inercia e voltava-se ao habitual desleixo no tocante ao exercito e á armada»; relatorios accusando numerosa força naval, quando toda ella era antiquada e fraca; e, finalmente, «os officiaes superiores, incapazes do serviço de guerra» pela excessiva idade, por molestia ou «pela diuturna permanencia em commissões de terra, perdidos, por essa causa, os habitos da vida do mar» e, accrescentamos, por uma crassa ignorancia da sua profissão.

Como, em todos os momentos de sua existencia, foi sempre egual, a marinha de guerra brasileira!

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

VENCEDORA DE ALMAS

Era uma vez um certo rei antigo...

Tamanha foi sua ventura; tanto
Correu sem embaraços nem encontros
Seu seguro poder, sua riqueza,
Sua alegria nunca consumida;
No mar, suas armadas venturosas;
Na terra, seus exercitos vencendo:
Que, com espanto e temeroso enleio,
Dizia o mundo já que nem Fortuna
Fôra, jámais, assim afortunada.

Mas, certo dia, um Sabio, ou Bruxo, ou Santo,
Que lia nas estrellas e que lia
Nos corações como num livro aberto;
E dizia fallar com os Espiritos,
E ler sentenças do mysterio quando,
A' lua-noiva, as arvores phantasticas
Com seus torcidos dedos escreviam
Murmurantes signaes, lettras de sombra...

Um Sabio, ou Bruxo, ou Santo, do seu reino,
Abeirou-se do rei, sob o silencio
Das liturgicas horas do crepusculo;
E, com seu fundo olhar, e tardas vózes
De algum echo longinquo, assim lhe falla:

— «Muda de vida, muda, ó rei! enquanto
Uma desgraça grande não a muda...

Repara que ventura tão constante
Não é do triste mundo, incerto e vario.

Alegria tamanha e tão isenta
Já natural não é: — e grande affronta,
Com ella farás tu á natureza...

Amar e padecer, para algum dia
Ser bem aventurado e alegre e justo:
E' lei da vida e seu destino certo;
Mas ir, feliz, no meio da jornada
Sem passar as tormentas do principio...

Torna a traz, caminhante, o teu caminho!
Que grande mal, por força, neste engano
A sorte te estará aparelhando.

Por isso, eu digo, ó rei! por bom conselho,
Que pelas tuas mãos, proprio desejo,
Te dê algum desgosto, — e dê, desta arte,
Satisfação á Dôr que tanto opprimes,
E á sofrega tristeza ardendo em sêdes
Algum allivio e breve desafôgo... » —

Ouvindo, ao rei se aperta e atemorisa
Sua alma: E logo, com profunda magua,
Deitou ao mar o anel que mais luzia
Na sua estima e assoberbava os olhos,
E não trocará por um reino inteiro,
Embóra fôsse, entre outros tão magnificos,
Humilde e simples alliança de oiro:

Dera-lhe aquelle anel uma Menina
A quem seu bravo coração amava:
Não pelo proprio amor que lhe tivesse,
Mas pelo muito amor que ella lhe tinha,
Lisonja da sua alma e dos seus beijos
(E nisto elle era humanamente humano)...

Mas, passadas apenas breves horas,
Aconteceu a um pescador na praia,
Ao recolher, de manhãzinha, as redes,
Colher um peixe estranho: um pequenino
E novo e lindo monstro, a cujas côres
O sol nascente se inclinava como
A certo anel de que a cantiga falla.

E foi parar ás mãos do rei, o monstro,
Como coisa tão digna de off'recer-lhe
Por sua inteira e rara novidade;
E quando se encontrou em sua bocca
Esse encantado anel que ao rei custára
As voluntarias lagrimas primeiras,
Tal alegria teve o rei (e quando
De novo o viu em sua mão de gloria),
Que se deu por bem pago e satisfeito
Da magua, que buscára, de perdê-lo,
Pela feliz ventura de encontrá-lo.

Porém, quando passou seu alvoroço,
E lhe veio á lembrança novamente
O Sabio e as suas fallas de adivinho:
Seu coração tolheu-se em fundo susto;
Sua alma se apertava; arrefecia
Seu sangue sob um sôpro de mysterio...
E pelas altas arvores dos montes,
Pelas fraguas do mar revolto, o vento
Tinha vózes de agoiro, como as vózes
Das c'rujas quando poisam no telhado
Dos doentes; ou quando, á meia noite,
No arrepio da lua e do silencio,
Uivam os cães, a farejar a morte...

Que bem fallára o illuminado Bruxo!

Pouco tardou que amanhecesse o dia
Em que, — na brava furia da peleja,
Vencido a vez primeira, — o rei tristissimo

Viesse ás mãos de quem fizera a jura
De lhe beber alli o sangue e a alma:

E, no cimo dum monte, á luz profunda
E incerta do crepusculo em que a gente
Parece que com ella alonga os olhos
A's longinquas payzagens do invisivel:
Pregado numa cruz, o rei magnifico!
Agóra miseravel para espanto

Dos homens e seu dó e suas lagrimas;
Ao ver, em suas torres, a inimiga
Estrangeira bandeira triumphante;
E vendo o mar pasmado acommettido
Pelo incendio daquellas suas fortes
E tão leaes armadas sempre sofregas
De novas ondas e de novos mundos:
Alevantou seus olhos, num extremo
Esforço que era já a erguer do Espirito,

Clamando estas palavras verdadeiras
Que pelos fundos echos resoaram:

— «O' minha alma soberba, alegre e isenta,
Eis-te vencida, emfim! alma rebelde,

Tu a venceste, eterna vencedora:

O' Dôr universal e genesiaca.

Tu! que activas as almas, sublimando
Os homens, os heróes, os torvos deuses,
Os abrazados mundos radiosissimos... » —

ANTONIO CORREA DE OLIVEIRA.

*
**

SÁ DE MIRANDA

Sá de Miranda, verdadeiro pae da
nossa poesia, um dos maiores homens
de seu seculo, foi o poeta da razão e
da virtude, philosophou com as musas,
e poetisou com a philosophia. Seu
muito saber, sua experiencia, seu tra-
cto affavel, e até a nobreza do seu
nascimento, lhe deram indisputada
superioridade a todos os escriptores
daquelle tempo, dos quaes era ouvido,
consultado e imitado. Sá de Miranda
exerceu sobre todos os poetas daquela
epoca a mesma especie de imperio
que veio a ter Boileau em França e
mais modernamente Francisco Manoel
entre nós. Introduziu na poesia os
metros italianos, e os modos, versos
e combinações de rimas de Dante e

Petrarca; e desd'ahi quasi se abando-
naram inteiramente (excepto nas vol-
tas e glosas) os nossos antigos versos
de redondilha, e absolutamente os de
arte maior e menor, que ainda assim
mui proprios são para certos assum-
ptos, segundo, com feliz exemplo, nol-
o mostraram antigos e modernos po-
etas. Nem o mesmo Sá de Miranda
egualou nunca em composições hen-
decasyllabas a pureza, a correcção, a
naturalidade e sublime simplicidade
de suas redondilhas nas epistolas, que
hoje são seu maior e quasi unico ti-
tulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são
notavel monumento para a historia
das artes pela feliz imitação dos an-
tigos, e pelo que excedem quanto até
então se tinha escripto. Porém o the-
atro portuguez, creado pela musa ne-
gligente e travessa de Gil Vicente e
João Prestes, carecia de refórma, mas
não podia supportar nua revolução.
As comedias de Sá de Miranda, sem
character nacional, mui classicas de
mais, não eram para reformal-o: o
mesmo direi, e o mesmo succedeu ás
de Ferreira, a algumas poucas mais
que depois vieram. O effeito destas
composições, aliás preciosas, foi fu-
nesto: os litteratos enjoaram-se (e
com razão) do theatro nacional, e não
se deram a corrigil-o e melhora-l-o; o
publico preferia (e com razão tambem)
o com que fôra creado, o que o inter-
essava, o que o divertia, e antes queria
rir com as grosserias dos autos popu-
lares, que bocejar e adormecer-se com
as finuras da arte e correcções dessas
comedias, que tudo tinham, menos
interesse, onde todo o espirito havia,
menos o nacional.

ALMEIDA GARRETT.

*
**

TESTAMENTO

Que posso eu deixar no mundo?... Nada...
Nem sequer a lembrança deixarei.
Sou eu que levo a alma estilhaçada,
que, repartindo-a, inteiramente dei.

Legar só posso o esquecimento... e sei
que elle só ficará da derrocada;
foi-me, na vida, a permanente lei,
ser-me-á na cova a glacial geada.

E se as saudades todas vão commigo,
quem é que irá depor no meu jazigo
apenas uma só?... Ninguém! Ninguém!

E, quando as portas do Mysterio entrar,
levando a dôr em mim, sem a deixar,
nem essa herança legarei tambem.

HENRIQUE ROSA,
(Lisbôa).

*
**

OS FILHOS DE D. JOÃO I

A candida nobreza de Nunalvares,
a sabedoria do grão doutor João das
Regras, a explosão da força nacional,
tinham feito de d. João I quasi um

heróe; os seus illustres filhos fazem delle o mais feliz dos paes. Ditoso homem mediocre a quem tudo favorece; deu-lhe a sorte uma mulher virtuosa e nobre, a princeza, cujas lições e cujo exemplo põem a semente das suas grandes acções no coração dos infantes: d. Pedro, acaso o typo de homem mais digno de toda a historia nacional; d. Fernando, cujos meritos desaparecem perante o do martyrio que o sanctificou; d. Duarte, o rei sabio e infeliz; d. Henrique, finalmente, em cujo cerebro ferviam os destinos futuros de Portugal. E' uma pleiade de homens celebres, presidindo a uma nação, constituida e robusta: com taes elementos, consegue-se tudo no mundo. Bons guerreiros, á antiga, os infantes não se parecem, comtudo, já com os antigos personagens. A côrte apresenta uma physionomia diversa: dir-se-ia uma academia. D. Duarte occupa-se de coisas sabias, escreve o seu *Leal Conselheiro*. D. Pedro, cujas dilatadas viagens chegaram a formar lenda, tráz consigo vasta licção, muitos livros, cartas, conhecimentos; a litteratura e a geographia occupam-no por igual, e tambem escreve: dedica ao irmão primogenito o seu tratado da *Virtuosa Bemfeitoria*. Não é uma côrte da idade-média, é já uma côrte da Renascença, cheia de novas idéas e duma cultura eminente.

OLIVEIRA MARTINS.

Reflexões sobre uma memoria de Gomes de Souza

Um dos problemas mais complexos da acustica é o da propagação do som em um meio gazoso indefinido, solicitado por forças quaesquer. Admittindo mesmo que estas forças são derivadas de um potencial, como ordinariamente é o caso da natureza, as equações geraes do movimento vibratorio são mais complexas do que as equações do calor e mesmo do que as equações habituaes do som na hypothese de um meio imponderavel.

Estas são integraveis pelos methodos de Poisson ou de Poincaré, e conduzem á fórmula de Laplace, que differe da de Newton em ter o quociente da elasticidade pela densidade multiplicado pela relação dos calores especificos do gaz. Em outras palavras, a fórmula de Newton suppõe a condensação isotherme, ao passo que a de Laplace a suppõe isentropica. A experiencia mostra que é a ultima hypothese que mais se approxima do phenomeno natural.

A relação dos calores é hoje conhecida com o maximo rigor, graças aos trabalhos de Clement e Desseines,

Wilter, etc., e recentemente do professor Röntgen.

Estas pesquisas, porém, suppõem a massa de gaz imponderavel. Si restituirmos ao gaz o seu pezo ou si o submettermos á acção de forças quaesquer, a fórmula da velocidade poderá ser a mesma, mas os processos de calculo, a que nos referimos atraz, não auctorisam semelhante conclusão.

E', pois, inadmissivel concluir, como Poisson em sua celebre memoria, que, por uma exacta compensação de termos, a fórmula permanece inalteravel para um fluido pezado, qualquer que seja o valor da gravidade. O circulo vicioso é evidente.

Seria preciso, para attingir o resultado de Poisson, mostrar que a fórmula se não modifica com a introdução, na equação differencial, dos novos termos provenientes da funcção de forças. Tal é o problema que Gomes de Souza procurou resolver.

Baseado em um theorema sobre a natureza das funcções arbitrarías contidas na integral de uma equação ás derivadas parciaes, theorema de que elle é o auctor, chega á seguinte proposição:

Que uma massa de gaz esteja ou não submettida á acção de forças exteriores, o som nella se propaga obedecendo á fórmula de Laplace.

Não podemos entrar em detalhes sobre o trabalho de Gomes de Souza. O potencial das velocidades depende aqui de uma dupla integral sextupla encerrando funcções arbitrarías que se determinam, como sempre, pelas condições iniciaes. Para mais de um leitor, a sextupla integração será um obstaculo desanimador, porque, como succede nos problemas mais complexos de attracção e de magnetismo, o symbolo ali indica uma operação inextricavel.

Mas o auctor não pretendeu, nem julgou necessario, superar taes difficuldades. No seu calculo, o symbolo esclarece a solução, como em thermodynamica a dupla integral nos cyclos irreversiveis. Sem merecer, pois, a critica de Bertrand em um de seus prefacios, pôde-se e deve-se recorrer a elle, uma vez que a interpretação das fórmulas assim o exija para o problema physico.

Si o leitor não julgou procedentes taes razões, e, si, para acceitar o theorema sobre as funcções arbitrarías, reclama uma demonstração rigorosa, poderá, então, acompanhar Gomes de Souza na integração formal dos casos especiaes, em que se suppõe o fluido simplesmente pezado.

Analysemos com maior attenção as soluções do dr. Gomes de Souza. Da forma especial que affectam as funcções sob o signal de integral, o auctor deduziu o que pretendia demonstrar. Mas não seria possivel tirar das solu-

ções achadas outro partido, abstrahndo por alguns instantes do problema de physica? Si fôsse possivel com os recursos da analyse moderna verificar certas propriedades características das funcções regulares nas fórmulas obtidas, o dominio mathematico não se enriqueceria *ipso facto* de novos elementos equiparaveis aos harmonicos de Laplace e aos ultraharmonicos de Poisson? Si tal verificação fôsse exequivel, dissipar-se-iam, por completo, as duvidas que nos disputam certas transformações do illustre auctor dos *Mélanges de Calcul Intégral*. Será, por exemplo, legitimo substituir uma série tripla de exponenciaes, cujos coefficients são arbitraríos, por uma funcção arbitraria do expoente? Gomes de Souza o suppõe e chega a resultados verdadeiros, que, pelo menos, no sentido formal, verificam a equação differencial. Mas não importa; a duvida persiste, porque a verificação não é sufficiente para garantir a indiscutibilidade de uma operação intermediaria.

OTTO DE ALENCAR SILVA,
(Da Escola Polytechnica)

O ALMIRANTE (44)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

A marquezia permaneceu immovel, no centro da sala, como se a violenta impressão daquella inesperada entrevista houvesse enrijado todos os seus nervos, entorpecido os membros, que tremiam sacudidos por um calefrio de terror. Seus olhos illuminados de estranho fulgor acompanharam os dois conspiradores e se fixaram na porta por onde desapareceram, ao passo que nos seus ouvidos repercutiam o ruido surdo dos passos daquelles dois homens de sinistra apparencia, até que um gemido do portão, rangindo nos velhos gonzos oxidados, e uma praga de colera do Sebastião lhes signalaram a partida.

— A senhora marquezia — resmungava elle — faz muito mal em receber a estas horas gente desconhecida, com ares de malfeitores, que não a procuram para bom fim. Isto confirma as suspeitas da visinhança que já notou a presença dessas caras de poucos amigos, que se estão mostrando como se andassem a espionar o palacio. Commigo é que não arranjam a festa. Quando se atreverem a passar daquellas grades para dentro da chacara, deito-lhes os cães e, se duvidarem, conto-lhes uma historia com a garucha.

Voltando para o seu quarto, onde estivera a conversar com o primo Gião,

o feitor da chacara notou que a porta do salão continuava aberta e não percebendo o minimo rumor, resolveu verificar se os creados se tinham esquecido de fechar a casa.

Na salêta da entrada, a mucama predilecta da patrôa dormia a somno solto, em desalinho, recostada num pequeno banco de jacarandá esculpido, de feitio severo, como um movel de sacristia. Aquella figura de moça negra, em plena florescencia exuberante de vigor e graça, rebrilhando nos suaves clarões da lua, entrevista por entre a ramaria, a surgir no horizonte, assanhou no coração do feitor impetos de volupia, logo suffocados pelo dever de não faltar ao respeito devido á casa. Sebastião se desafogou num forte suspiro e se approximou cautelosamente do salão.

— Quem está ali? — bradou a marquezia, com um grito de terror, tanto que o divisono no campo illuminado da porta, onde se fixára o seu olhar — Quem está ali? Acudam-me!...

— Não se assuste, senhora marquezia — respondeu elle, espantado pela attitude tragica da marquezia — Eu pensei que vossa excellencia tinha subido; vim ver se a mucama se esquecera de fechar...

— Dorothea, Dorothea — chamou a marquezia desvairada, em tom de afflicção, movendo-se num esforço impossivel para fugir.

A mucama accorreu estremunhada, cortada de susto.

— Sou eu, o Sebastião — continuou o feitor, com vóz meiga — Não se assuste que sou o mais fiel dos homens. Eu estava alli perto á espreita, emquanto vossa excellencia conversava com aquelles dois sujeitos que acabam de partir. Ao menor rumor, eu e o primo Gião correriamos a defendel-a.

— Aquelles homens? — perguntou a marquezia, como se não comprehendesse...

— Sim dois typos mal encarados... Vossa excellencia ha de me perdoar que lhe diga que não deve receber, a estas horas, gente daquella laia, gente desconhecida...

Restituída pouco a pouco, assegurada pela vóz placida de Sebastião á memoria da recente entrevista, a marquezia apoiou-se ao hombro da mucama, que se lhe acercára e suspirou, como se despertasse da compressão augustiosa de um pezadêlo. Ao torpor que a immobilisára succedeu o colapso e uma onda de suor frio lhe inundou o corpo. Dorothea conduziu-a lentamente ao divan proximo, onde a pobre senhora se derriou extenuada.

— Fique tranquilla, minha senhora — tornou o Sebastião, compadecido — Emquanto eu fôr vivo e estiver ao seu serviço, velarei como um cão de guarda para que ninguem lhe faça mal. Os

homens fôram embóra. Nada tem que receiar.

Emquanto Sebastião falava, no espirito da marquezia se reconstruia a scena da entrevista com os dois conspiradores, que lhe asseguravam bem aparelhados os amigos para o golpe decisivo, para a destruição da odiada obra revolucionaria, dependente de uma contribuição pecuniaria, ante a qual não vacillaria, se se convencesse de que não se tratava de uma criminosa exploração das suas idéas, da sua entranhada dedicação á familia imperial.

Passados alguns momentos de hesitação, ella se ergueu, e apoiada pela mucama se dirigiu á escada que conduzia aos aposentos do sobrado. Tanto que se achou no seu quarto de dormir, voltou-lhe a calma, as desfallecidas energias e ella ordenou a Dorothea que a deixasse.

— A senhora não quer tomar alguma coisa? — perguntou a mucama, timidamente.

— Não, deixa-me. Váe fechar a casa; e vem dormir na camarinha proxima.

Da janella do seu quarto de dormir, a marquezia contemplou os vitraes do pavilhão de Oscar, illuminados ainda e pensou que elle trabalhava para o serviço do governo, dos vencedores, que um acaso feliz elevára ao poder, donde poderiam ser despenhados, de repente, fulminados por um golpe de audacia. E era indispensavel que, no momento aprazado, Oscar estivesse preparado para dirigir o movimento e assegurar-lhe a victoria, occupando o posto de honra que lhe caberia como o herôe da restauração.

Aquelles homens não a exploravam. Dizia-lhe o coração presago representarem elles uma parcella dos patriotas que, não ouzando defrontar francamente os poderosos do dia, se agremiavam em silencio, clandestinamente, para salvarem a honra, as tradições do Brazil. No seu espirito, dominado pela idéa fixa de ver restituída á patria a dynastia exilada, se desfaziam rapidamente as sombras da suspeita provocada pela inopinada impressão da estranha visita dos emissarios da conspiração, emissarios da esperanza desfallecida a reviver em seductores clarões. O sonho se crystallisava em propicia realidade e, á proporção que ella meditava nas minucias do plano regenerador, prevendo-lhe com solicita attenção todos os accidentes, pezando-lhe as probabilidades favoraveis ou adversas, se formava, no seu espirito, a convicção da certeza do exito, da infallivel victoria.

Não era possivel — pensava ella — que essa situação anomala, creada pela subita transformação das instituições, perdurasse. Os resultados de um momento de estupor não poderiam ter produzido uma construcção estavel,

nem radicado no coração do povo, dedicações sinceras á Republica. As adhesões, como a do conselheiro Antonino, deveriam ser interpretadas como insuperaveis movimentos de terror, na maior parte, uma consequencia da fraqueza, da pressão dos interesses pessoais, das preoccupações do futuro da familia, dominantes em muitos, especialmente nos que auferiam das funções publicas os meios de subsistencia. Tanto que se lhes deparasse um apoio, um centro de resistencia, volveriam todas as convicções ao antigo ardor pela monarchia e formar-se-ia a grande massa esmagadora, inexpugnavel, da nação inteira, despertada da syncope de patriotismo, reivindicando o seu glorioso idéal, libertando-se do ignominioso jugo de alguns soldados rebeldes. Sempre fôram ephemerous os fructos da traição, nunca medraram em rebentos fortes, em fructos saborosos as estereis sementes da perfidia. A consolidação da Republica seria uma anomalia vergonhosa alentada pela cobardia, pela descrença, pelo desfallecimento dos nobres impulsos n'alma de um povo em plena decadencia, um povo sem brios, sem dignidade.

E meditava na imputação feita pelos conspiradores á usura de correligionarios indecisos, incapazes de um mingado sacrificio de seus haveres á victoria de uma causa tão nobre; censurava a si mesmo a hesitação, a duvida, a suspeita de que fôra assaltada e que a levaram a adiar a sua co- operação decisiva no plano da contra-revolução. Que falta lhe faria a quantia exigida? Não havia ella despendido sommas enormes na campanha abolicionista, na organização do nucleo Izabel, a Redemptora, para combater a rotina, os preconceitos suggeridos pela obra humanitaria e patriótica da santa herdeira do throno? Se fracassasse a conspiração restauradora, se fôssem miseraveis exploradores os suppostos emissarios da contra-revolução, não ficaria bem compensado o dispendio daquelle dinheiro pela satisfação moral de haver contribuido para a realisação do seu querido sonho? De resto, essa contribuição permaneceria no mais absoluto segredo e ella empregaria os meios mais seguros para evitar a vigilancia da policia do Governo Provisorio.

Surgiu-lhe, então, a figura de Dolores, dessa encantadora mulher que ella estimava affectuosamente, perdoadando-lhe os desvios, as maneiras des- envolvidas, Dolores, servindo de agente da policia secreta, Dolores amante de Oscar!...

Uma críspação de colera abalou todo o corpo da marquezia, que se encolheu apertando, no seio offegante, o coração mordido pelo ciúme. Seria verdade? Dolores amante de Oscar, estabelecendo uma solução de continui-

dade nos laços do seu affecto maternal, porque entre mãe e filho, outra mulher é sempre um corpo estranho, um perturbador a disputar o melhor logar no coração do ente querido, a disputar-lhe a posse absoluta ou a estabelecer uma partilha impossível. Oscar não era seu filho, mas encherá o vacuo deixado pelas creaturas infelizes geradas no seu ventre maldito. Oscar concentrára todos os seus affectos, todas as suas ambições, todas as suas esperanças, e a perspectiva de vel-o empolgado por outra mulher, subjugado a um amor criuinoso, lhe suscitava as energias, os meios de defeza, os artificios de mulher apaixonada e preterida. Ella não hesitaria deante dos meios para afastar Dolores, mesmo os meios de mulher contra mulher.

Seus olhos procuraram, então, através da densa folhagem prateada pelos fulgores da lua, em plena ascensão no céu limpido, o pavilhão de Oscar, onde uma luz suave coava pelos vidros de vario colorido. Elle estava ainda acordado. Estaria só? Estaria com Dolores?... E ao aperto desta cruel duvida, ella teve impetos de ir ao pavilhão, sob qualquer pretexto, para banir do espirito a cruel incerteza. Não ousou, entretanto, aventurar-se, áquella hora, á curta travessia do palacio ao pavilhão pelos renques de bambús e jaqueiras, onde alvejavam os tumulos dos filhos.

(Continúa)

A LIVRARIA

João Ribeiro. — *Crepusculo dos Deuses*. Contos e historias traduzidas do allemão. — Lisboa. — 1905.

No nosso ultimo numero, noticiando o apparecimento do novo volume que, sob o titulo acima, publicou o sr. João Ribeiro, transcrevemos o primeiro conto do livro, *A Tragedia de Romulo Augustulo*, de Ernst Lenbach. Puderam os nossos leitores ver e ajuizar do valor da obra pelo primor que lhe abre as paginas onde o sr. João Ribeiro, com um criterio e carinho excepcionaes, nos dá outros contos e historias allemãs de um valor a toda a prova.

Folhas adeante, segue-se outra historieta interessantissima de Gottfried Keller, *O desacreditado São Vidal, de Alexandria*, que se lê com vivo prazer pelo muito que ella contém de instructivo como psychologia individual e social.

Os dois libertadores, de K. Emil Franzos, são tambem um conto popular da tradição de soffrimento e amargura dos judeus, muito bem contado e muito captivante.

Segue-se a pequenina obra-prima de todas as traducções, *Shinda-Usagi-*

uma, (um episodio da historia das religiões) de Anton Hensel.

Uma senhora da minha idade..., de Th. Fontane, de quem o traductor dá uma noticia que nota ao fim do volume, é um conto de feição meramente litteraria.

Os dois rivaes, de A. Gugits, são uma historia tambem muito interessante e suggestiva de dois santos rivaes, S. Pancraccio e S. Damaso.

A morte do deus Pan, de Th. Kirschner, é a traducção que caracteriza e justifica o titulo do volume, que termina com um bellissimo conto de W. Schmidt-Bonn, traduzido por *A la mar!*...

Com esses contos e historias allemãs, o sr. João Ribeiro deu-nos um delicioso volume, não só pelo valor especial de cada um dos trabalhos apresentados, como tambem pela beleza da traducção, a que o auctor, competente como é, soube imprimir um cunho muito agradável de vernaculidade, num dizer claro e elegante.

O espirito geral dessa traducção é, pela denominação de *Crepusculo dos Deuses*, uma suave e philosophica ironia ás coisas e principios da Fé, que hoje se torna cada vez mais uma curiosidade psychologica. E o sr. João Ribeiro, sem *parti-pris* talvez, fez uma generosa obra litteraria voltaireana, colligindo e enfeixando num todo homoganeo as ironias dispersas do espirito allemão, relativas ás coisas religiosas.

Essa unidade conseguiu-a o sr. João Ribeiro pelo purismo elegante da linguagem, de que é eminente cultor e consagrado mestre.

Eis ahi um milagre devido á virtude do escriptor que conhece a sua lingua, o que não é vulgar entre os nossos academicos. Póde-se mesmo dizer que outro traductor menos purista não conseguiria dar-nos um livro de tão agradável leitura, como o *Crepusculo dos Deuses*, com que o sr. João Ribeiro acaba de enriquecer a nossa á custa da litteratura allemã.

O sr. João Ribeiro é um dos nossos escriptores que têm provado mais positivamente a possibilidade da escripta elegante e correcta ao mesmo tempo.

**

Nelson de Senna. — Serranos illustres. Esboços biographicos. — Bello Horizonte — Imprensa Official — 1905.

E' um folheto cheio de boa vontade e de puro amor pela pittoresca cidade do Serro, que teve a fortuna de ser o berço do auctor. O genero biographico, ramo da historia confiado á generosidade dos particulares, não conseguiu nesse libretto melhor destino. O seu auctor dá-nos uma relação dos serranos mais illustres que, ou por verdadeiramente illustres já podem ter os

fóros de cidadãos brasileiros, ou por simplesmente distinctos ficam, como glorias da arcadiana cidade do Serro.

E termina com uma invocação á sua terra natal, doce homenagem em que o seu terrivel patriotismo justifica o arroubo litterario.

O terceiro e ultimo capitulo abre com este pedaço apavorante de sumario á Instituto Historico: *Invocação á terra natal!*

E vejam, ainda neste seculo, como têm força o Instituto e a eloquencia do sr. Pitanga:

«Ao finalisar este imperfeito bosquejo de uma pagina de tua historia local, sejam minhas ultimas palavras em homenagem e votos por teu progresso, ó Serro amado!

Emquanto mólho a peenna, acodem-me á lembrança enternecida esses outros tempos de fausto e grandeza, que já tiveste, ó patria de José Eloy, o lyrico, de João Salomé, o poeta, de Vieira de Andrade, o santo medico, de Theophilo Ottoni, o democrata, de Flavio Farnese, o attico publicista, de Joaquim Felicio, o historiador fiel, de Antonio Augusto de Queiroga, o orador de arrebatados surtos, de Gomes Carneiro, o general sem pavor, de Christiano Ottoni, o mathematico, de Lucindo Filho, o latinista e classico, de Pedro Caetano, o jurisprudente e polyglotta, de José Paulo, o meigo trovador! Visitada tens sido, nas centurias passadas, por homens illustres de todos os paizes: naturalistas e sabios — o barão Guilherme de Eschwege, Spix, John Mawe, o grande Carlos Frederico Von Martius, o amavel e minucioso Auguste de Saint-Hilaire: estadistas, generaes e principes — os condes de Bobadella e de Valladares: o general José Antonio Freire de Andrade, o visconde de Seabra, o duque de Saxe, o principe Gastão de Orleans, o santo prelado dom Viçoso; e quantos mais não te palmilharam as ruas accidentadas, levando de teu povo hospitaleiro as mais gratas recordações?!

Releva dizer que o seu auctor é membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — o que, realmente, é uma traducção livre e exacta do *the right man in the right place*.

Podemos dizer isto, sem maldade e com a lembrança de um *Memoria do Municipio de Guaratiba*, que ainda hoje alaga de luz o Instituto e mais o seu auctor.

**

Astolfo Marques — A vida maranhense — Contos — Bibliotheca da Officina dos Novos — Maranhão — 1905.

Eis ahi um livro de que não se póde falar sem ironia e sem piedade. Os contos que elle encerra são de uma puerilidade que não denota candura d'alma nem o cultivo de um genero especial de observação litteraria de factos da vida local maranhense.

Com uma penosa pretensão de arte, o sr. Astolfo Marques confunde a lit-

teratura com a liberdade de escrever, e não se poupa ao trabalho de encher duzentas paginas de tolices que nem ao menos dão ao seu auctor a gloria de ter sido o primeiro tôlo da Terra.

Demais, a orthographia desses contos é uma confusão terrivel de todos os systemas, que prova ignorancia de todos elles; e o estylo tambem não é nem proprio nem imitado. De modo que de todos os merecimentos que possa ter esse acervo de contos, de puerilidades dolorosas, o melhor é a coragem do auctor em provar-nos que na Athenas brazileira tudo se passe como na Beocia, ainda que isso contrarie e magôe o sr. Arthur Azevedo.

* *

Augusto Franco—Tres estudos—Litteratura tribunicia—Dois livros notaveis — Assumptos de litteratura.

Reuvidos em folheto, o sr. Augusto Franco faz uma dispensavel reedição de uns artigos seus de critica e litteratura homicida, publicados, só felizmente, nos jornaes da provincia.

O primeiro desses estudos é escripto em honra, gloria e louvor do sr. Sylvio Roméro, a proposito dos discursos parlamentares deste, e que o sr. Augusto Franco, com deslumbramento, denomina *formosissimo volume!*

Esse panegyrico ao sr. Sylvio Roméro pôde demonstrar-nos que o sr. Augusto Franco é um affectivo e carinhoso amigo; que os seus sentimentos são muito bons e ainda que em materia de amizade piedosa ninguem o excede; mas, de modo algum, fazem a gloria do sr. Augusto Franco por conta da do sr. Sylvio Roméro. Ha nesse estudo um immoderado desejo de agradar ao auctor da *Philosophia do Direito* e outras obras de valor pessoal.

Aliás, o sr. Augusto Franco, que é o typo mais bem acabado de uma illustração provinciana, não podia achar melhor assumpto para revelar-se como critico e panegyrista, na esperança de achar quem delle cuide com igual carinho.

O segundo estudo, *Dois livros notaveis*, é tambem critica, e profunda, isto é, critica em que o cultor estuda nos outros as suas idéas, e as faz com o louvavel intuito de publicar a sua embrulhada erudição.

Neste estudo, o sr. Augusto Franco revela-nosa hypothese da vastidão dos seus conhecimentos hecterogeneos em todos os departamentos da alta sciencia e em todas as questões sociaes. Esta notavel apparencia de erudição pôde ser comparada ás soluções de sal em grandes massas d'agua.

O ultimo estudo é sobre *Assumptos de litteratura*, e delle se pôde ver o sr. Augusto Franco entregue aos seus proprios recursos em terreno que propriamente lhes diz respeito como cri-

tico e como o chalaceiro que se presume ser.

De todo o trabalho, conhece-se que ha no sr. Augusto Franco uma irresistivel preocupação individual, e isto seria louvavel num espirito que a injustiça ou a ignorancia dos homens houvesse obscurecido. Mas o sr. Augusto Franco é matuto muito conhecido na sua aldeia pela innumera bagagem de escriptos que falam da sua individualidade scientifica e litteraria, com uma eloquencia ingenuamente esmagadora. Elle nada tem de importante, de consideravel, no sentido de que se lhe dê consideração e importancia.

Para se falar nelle, só ha duas razões. A primeira, muito elementar: o dever do officio de dar noticia de quantos volumes, brochuras e folhetos nos chegam. A segunda: um homem da responsabilidade do sr. Sylvio Roméro amolleceu uma vez de sorte a se deixar prefaciado por uma tão futil creatura.

ESPIRITO SANTO.

DEVER CONTRA DEVER

—Tão cedo por aqui?

Perguntava dona Eugenia de Medeiros da janella de seu quarto de vestir, aonde assomára, attraída pelo rodar surdo de um carro, que parára em frente do portão de sua casa.

—Sim—respondeu a visitante — teuho necessidade de conversar contigo.

Esse curto dialogo passava-se numa manhã chuvosa de junho de 1901, na rua das Laranjeiras, onde acabava de chegar um *coupé* puchado por puro Orloff, e do qual descia, envolta em longo *manteau* de velludo e astrakan, uma mulher.

Ainda mesmo que as côres da libré do cocheiro, empertigado na almofada, e o minuscuro escudo pintado a cada portinhola a não denunciassessem, a firmeza com que pousou o pé fino e delicado no estribo do carro e saltou na calçada, a flexivel elegancia do porte, a belleza do seu rosto, que nem o véo espesso que o cobria lograva occultar, e até a maneira graciosa como arregaçou a saia para evitar a humidade, bastariam para que toda a gente, que na occasião passava, reconhecesse nella a interessantissima Eliza de Almeida, casada com o dr. Roberto de Almeida, filho unico do conde e condessa de Almeida, proprietarios de varias fazendas de café, no Ribeirão Preto, fallecidos ambos pelos annos de 1889.

Tendo estréado num baile do Casino, nos ultimos tempos do Imperio, quando apenas contava dezeseite annos, a todos maravilhando pela peregrina belleza, já então em plena florescencia, Eliza de Almeida, aos triuta, era um modelo de formosura.

De mediana estatura, o busto emergia de linhas correctissimas, como uma corolla, de um tronco cujos contornos enlouqueceriam os proprios estatuarios gregos. Ao perfeito oval do rosto, onde o critico incontentavel apenas accusaria a extrema correcção de cada feição, imprimia singular encanto o verde turqueza de seus olhos que falavam, cujas irradiações como que lhe illuminavam todo o semblante, e uma bocca que, si se abria para deixar sair um sorriso, desses que aos proprios velhos entontecem, semelhava um pedaço de céu que se rasgasse, em cujas bordas o divino artifice houvesse disposto, com suprema regularidade, um punhado de estrellas.

* *

O palacete onde entrou d. Eliza de Almeida era habitado por sua melhor amiga, d. Eugenia da Medeiros, mulher do commendador A. de Medeiros, que, depois da liquidação de sua casa de consignações, passava o tempo ora em viagem pela Europa, ora aqui, exclusivamente entretido com o cultivo de orchideas collidas no centro do Brazil por dois botanicos que contractára na Allemanha.

A' hora em que Eliza penetrou no pequeno salão da amiga, estava elle justamente occupado na faina de cuidar de suas caras parasitas.

—Vejo que deve ser coisa importante o que tens a dizer-me, para que affrontasses esta manhã tão nevoenta e humida.

—E' verdade; preciso que ponhas o bem que me queres ao serviço de uma causa nobre, de cuja victoria terás seguramente o melhor quinhão. Sabes que de algum tempo a esta parte, Roberto não é o que antes havia sido: Um homem de muito bons costumes, votado todo ao cumprimento dos seus deveres e de uma completa moralidade. Conheces o nosso viver intimo e por isso escuso repetir-te que era o mais feliz. Pois bem, minha cara Eugenia, tudo isso mudou desde a epocha em que, impossibilitada, pelo motivo que sabes,

de o acompanhar á sociedade e não querendo, porque não era justo, impor-lhe o sacrificio de privar-se de distrações que, até certo ponto, o compensassem dos cuidados que dia e noite, com uma paciencia e sollicitude admiraveis, me prodigalisava, pedi-lhe que voltasse a frequentar os logares onde ambos encontrámos sempre attractivos.

Confesso que só á custa o decidi a accetar o convite que em má hora me occorreu dar-lhe: devo a isso, minha amiga, o meu martyrio actual. Naquelle baile a que, váe para quatro mezes, concorreste, e onde, segundo me recordo, avistaste, pela vez primeira, a esposa e filha de não sei que consul, meu marido teve occasião de conhecer uma mulher casada, por quem se tomou de um capricho. Fôram, porém, de curta duração esses amores, o tempo apenas preciso para que elle a enchesse de joias, com as quaes ella prendesse a outro que, ainda por sua vez, a preparasse tambem para tentar novas conquistas. Cuido que não te é estranha essa classe de infelizes que gastam os dias nesse contínuo afan de uma vaidade jámais satisfeita, em meio do qual envelhecem prematuramente trazendo no rosto, em cada ruga, a marca de uma vergonha. Outras desbriadas mostraram-se egualmente sensiveis á seducção de Roberto, a quem sobrava ainda tempo para o dedicar ás actrizes que aqui chegam, e que informadas, como aliás se apressam de o ser, acerca dos homens elegantes e dinheirosos, põem desde logo ao serviço da conquista delles os artificios da lisonja e da mentira, coisas em que—aqui entre nós—só as egualam, quando as não exceedem, algumas dessas creaturas com as quaes infelizmente nos encontramos muitas vezes no mesmo meio em que vivemos. Comprehendes que não me era licito ignorar que meu marido se desviára do caminho da honra e do dever. A sua conducta, os novos habitos que adquirira, o constrangimento, mal disfarçado, que a minha presença algumas vezes lhe causava, tudo isso me convenceu da verdade. Tu, que me conheces, intimamente, far-me-ás a justiça de acreditar que, nem por sombra, o deixei suspeitar que a conhecia. Jámais lhe pedi conta do emprego dos seus dias e das suas noites. Tenho em

dóse sufficiente o respeito de mim mesma para fugir a explicações que, dado o estado do seu espirito, poderiam talvez degenerar em polemica; e o meu orgulho de esposa honesta e de mulher sensata me faz temer e evitar o menor escandalo, porque estou convencida que delle sáe sempre a mulher, trazendo alguma coisa que a deslustra, por maior que seja, aliás, a justiça de sua causa. E' urgente, porém, pôr fim a semelhante situação, e a ti venho pedir que me ajudes nessa tarefa. Sabes como penso a respeito do casamento e dos deveres que delle resultam. Salvando-nos da objecção a que as velhas religiões nos condemnaram, a uossa fez-nos eguaes ao homem. Si, todavia, as leis lhe deram uns tantos direitos de que fômos privadas, não foi porque nos attribuissem inferioridade ou subordinação em relação a elle, mas porque, de um lado, attenderam á delicadeza tanto physica como moral da organização da mulher, e de outro, porque reputaram, com razão, que o homem, pelas qualidades oppositas, é mais proprio para o desempenho de funcções que exigem taes qualidades. Na sociedade, minha cara Eugenia, cada qual tem o seu quinhão de encargos, que lhe cabe preencher; e é só o fiel cumprimento, por parte de cada um dos conjuges, dos que lhe incuubem, o que produz a harmonia e a felicidade domesticas. Si um preconceito geral, assentado não na justiça e na razão, e que, não obstante, o convencionalismo social elevou, sem motivo legitimo, á categoria de verdade, exige da mulher a observancia de certos deveres, não é nem se concebe que seja menor a obrigação de a exigir egualmente do homem. Desses, aquelle a que ambos solemnemente se obrigaram é a fidelidade, que, não ignoras, será base de toda a felicidade conjugal. Que razão ha, pois, para que, exigindo-a da mulher, a sociedade não a imponha tambem ao homem? Que fundamento pôde acaso encontrar nas leis eternas da justiça e da razão universal, essa falsa idéa de uma honra que aquelles inventaram para o seu uzo, e com a qual se acobertam para desculpar os proprios erros, armando-lhes, entretanto, o braço para punir os da mulher? Porventura, perante a moral e a sã razão, que valem muito mais que preconceitos sociaes,

soffre menos a honra della com a infelicidade do esposo? Porque então a sociedade, a qual aliás um dever de generosa delicadeza obrigaria a proteger e a collocar-se ao lado do fraco, a mulher offendida, não vem em auxilio desta, para punir o homem, ao passo que corre em socorro deste, o forte, para castigar aquella?

É isso que tenciono dizer a meu marido, e estou certa que não o farei debalde. Conheço a sua sensibilidade para não duvidar do resultado. Sabes que, em minha opinião, sejam quaes fôrem as faltas do marido, ellas, em caso algum, pôdeu servir de desculpa ás da mulher. Não quer isso dizer que esteja de accordo com o juizo da sociedade, que, já te disse, tenho pelo mais absurdo. Sou e serei sempre fiel aos deveres da honra, pelo respeito que devo a mim mesma, e ao juramento, que prestei, pela veneração á memoria de minha mãe, que jámais mancharia; finalmente, pela consideração com que exijo que a sociedade me trate, e que, por coisa alguma no mundo, eu lhe daria pretexto para me recusar. Já vês que, si appello para a egualdade dos deveres reciprocos entre os conjuges, é como arma de que me pretendo servir para trazer meu marido á razão.

— Estou de pleno accordo contigo, — disse Eugenia — e indica-me agóra o que devo fazer e dispõe da minha dedicação.

— E' bem simples. Inicia, com a antecedencia de um mez, uma correspondencia assidua commigo, na qual, representando o papel de um namorado, me falles, a principio, de sua affeição; logo depois, do amor em que arde; mais tarde, do prazer que lhe causa a certeza de ser retribuido. Pede entrevistas; allude aos encontros que, a ambos, ellas proporcionaram; arranja enfim um romance, e, com o talento e a imaginação que te sobram, dá-lhe o colorido mais suggestivo possível. O resto ficará por minha conta.

* * *

Dois mezes depois do accordo celebrado pelas duas amigas, e do qual Eugenia se tinha realmente desempenhado com rara habilidade, o dr. Roberto, cujo novo genero de vida nenhuma modificação soffrera, entrou, por uma manhã, na pequena sala onde, de ordinario, a mulher passava parte do dia, ora lendo, ora entretida com al-

gum trabalho de agulha, e approximando-se della, que na occasião tinha nas mãos um numero do *Figaro Salon*, prendeu-a pelos punhos e perguntou-lhe, com vóz tremula:

— De quem são essas cartas que o acaso me fez encontrar? Dize! Quem é esse miseravel que ousou manchar a minha honra? Intimo-te que me declares já o seu nome, porque me quero vingar desse infame. Quanto a ti, que desceste até onde se arrastam as mais abjectas creaturas do teu sexo, só em consideração ao nome que até hoje trouxeste, e que deshonoraste para sempre, deixo o alvitre de abandonar esta casa, ou de nella ficares, si preferes convertel-a em theatro de outros amores adulteros. Escolhe.

Nessa hora, a physionomia do doutor nada tinha que se parecesse com o que elle era. A raiva, o desespero, que lhe íam na alma, o odio contra o pretendido amante da mulher, o desprezo com que a encarava haviam-no completamente transformado; e só a sua esmerada educação e a natural delicadeza de sentimentos o continham e impediam-no de esmagar a mulher com os seus pulsos de aço, emquanto não embebia no coração do amante a lamina de um punhal.

Eliza ergeu para elle o olhar, e, fitando-o, disse com a maior serenidade: — Antes de tudo, observo-te que magúaste por tal modo meu braço que me sinto quasi com o direito de te chamar brutal. Quanto ao mais, não sei do que te admiras; não vejo razão nem para o furor que revelas, nem para qualificares tão duramente quer a mim, quer a esse homem a quem chamaste infame.

Talvez em breve te arrependas de julgar tão severamente aquelles que, esquecidos dos deveres para com a sociedade, e, si são casados, de outros ainda mais sagrados para com as esposas, levam a deshonra e a desgraça aos lares alheios, podendo, por sua vez, justificar vinganças eguaes a essa que queres exercer contra aquella que dizes haver-te deshonrado. Já não falo dos maridos que se aviltam e maculam ao contacto desses seres abjectos a que te referiste ha pouco, sejam esposas, ou pertençam a essa outra classe de infelizes, ás quaes julgas que aquellas, como succede commigo, egualam na degradação.

De mim te digo que não comprehendí jámais a felicidade no casamento sinão com a condição de cada um dos esposos cumprir fielmente aquillo que jurou ao outro — a fidelidade — que é a verdadeira e unica expressão do mutuo amor. Desde que esse vinculo se rompe por facto de um.. ignoro, meu caro, com que direito se pretende que obrigue ao outro. Não, Roberto, essa desigualdade de deveres decorrentes de um mesmo pacto, no qual não fôram introduzidas nem reservas mentaes, nem restricções, repugna ao bom senso. O marido que o viola mostra que elle não o póde prender; e, nesse caso, porque ha de então ligar a mulher? Si aquelle tem para desculpal-o e absolvel-o, o juizo dos outros homens, e algumas vezes até o das mesmas mulheres, que por inconscientes dos seus direitos, e da sua missão social, por affeitas ao espectáculo de taes desvios ou finalmente por se achiarem escravizadas aos preconceitos a que me referi, os absolveu, condemnando, todavia, a que se desvaira, esta encontrará tambem na consciencia universal, para desculpal-a e absolvel-a do erro, a fraqueza da sua natureza, além da prova que lhe forneceu o proprio esposo do nenhum valor moral do juramento que ambos prestaram. Pensas que ignorava os amores adulteros, as ligações ephemerhas que, umas e outras terão dado a reputação, aliás bem pouco invejavel, de moderno d. Juan? Porventura, a profunda transformação do teu viver, as tuas frequentes vigílias, a irregularidade que os teus novos habitos accusam, tudo isso passou despercebido para mim?

Não, Roberto, eu nada ignorava e foi por isso que me decedi a experimentar as surpresas desses amores clandestinos, que as deviam ter bem estranhas para que ao seu goso sacrificasses a felicidade que até então bastára á tua ambição. Dize-me agóra, continúas a jugarl com a mesma severidade de ainda ha pouco, o homem que mancha a honra de outro?

O dr. Roberto ouviu-a sem interrompel-a; mas, nos seus olhos, viam-se, as ondas de fel que lhe mergulhavam o coração.

—Dize o que quizeres, que não responderei. Amanhã, deixarei para sem-

pre, esta casa, levando como recordação do tempo que uella vivi o desespero e a vergonha: alguém virá depois repartir em quinlões eguaes o patrimonio commum. E saíu.

Apenas só, Eliza foi á secretária, collocada a um canto da sala, e escreveu á amiga, communicando o que acabava de passar-se e pedindo-lhe que viesse immediatamente receber a parte que lhe cabia na victoria da causa que ambas tinham defendido.

* *

Duas horas depois, Eugenia de Me-deiros chegava a casa de Eliza; subiu rapidamente a escada, e, atravessando diversos salões, parou á entrada da pequena sala, onde ella se conservava e perguntou-lhe, rindo:

— Então? Chegámos ao desenlace?

— Sim, respondeu a outra. Creio que desempenhei bem o meu papel: disse-lhe tudo quanto convinha a que elle ficasse sabendo, depois, bem entendido, de ter, por minha vez, ouvido uma meia duzia de epithetos offensivos com que, no seu desespero de marido ultrajado, entendeu dever mimosear-me. Eu, porém, não lhe fico querendo mal por isso: o contrario é que de certo me magúaria.

Não te illudas, Eugenia; quasi todos os maridos são capazes dos mesmos erros. A unica differença entre elles e Roberto é que este não será um reincidente, sobretudo depois de ter pago tão caro a sua falta. Anda; váe ter com elle no escriptorio, onde está agóra occupado em arrumar livros.

— Descança, Eliza, trouxe commigo a carta de teu amante, a que deverias hoje receber, e tanto pela letra como pelo estylo, elle facilmente se convencerá que o amante, auctor das que tem em seu poder, é esta mesma sua creada.

Riram-se ambas da comedia urdida, cujo desfecho se approximava; mas Eliza, encobrando o ar serio que lhe era habitual, observou que Roberto, tendo horror ao ridiculo, talvez não lhe perdoasse haver sido mystificado.

— Não lhe perdôas tu, retorquiui a amiga, as offensas que te dirigiu? Uma coisa fica por outra, restando-te ainda um saldo incomparavelmente maior a teu favor.

* *

Vinte minutos depois, nessa mesma

sala onde, algumas horas antes, o dr. Roberto fôra encontrar a esposa para accusal-a de adulterio, injurial-a e repudial-a, penetrava elle agóra, precedido de Eugenia de Medeiros, pallido, com os olhos ensopados de lagrimas, o ar constricto e trazendo nas mãos aquellas missivas, que já não eram o documento da sua deshonra, mas a carta de sentença dos seus erros, aggravados pelo ridiculo.

Dirigiu-se á mulher, abraçou-a e, com a vóz que a natural commoção tornava quasi sumida, pediu-lhe que esquecesse para todo a sempre essa nuvem negra, que uma lufada perversa do destino fizera parar um instante sobre o céu azul e sereno de sua existencia.

Eliza, beijando-lhes as faces, que as lagrimas humedeciam, disse :

— Tranquilisa-te. Em vão, procuro descobrir no firmamento a nuvem de que falas : não a vejo : espancou-a, para nunca mais tornar, a brisa de felicidade que approximou e uniu as nossas existencias.

Eugenia, que, radiante de alegria, testemunhava o estreitar dessas duas almas, momentaneamente desprendida uma da outra, por um capricho do acaso, exclamou, com aquelle accento lisboêta que contraíra no collegio, em menina, e que nunca perdera, apezar dos motejos do marido :

— Ora, graças a Deus. Convenhamos que cada um de nós se houve com grande brilho no drama idéado por Eliza.

E, vontando-se, risonha, para o doutor :

— Por sua parte, meu amigo, espero que seja esta a primeira e ultima vez, em que figure de protagonista de igual scena.

— Perca o cuidado, minha senhora. Paguei tão caro a minha estréa !...

1905.

PEDRO DE BARROS.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

O grande torneio internacional de Ostende terminou com a inesperada derrota de Marshall, em quem se depositavam grandes esperanças.

Foi vencedor o campeão Maroczy, seguindo-se-lhe : Janowski e o dr. Tarrasch (ex-quo) e Schlechter. Lasker e Pillsbury não tomaram parte.

Este magnifico torneio correu sob o patrocínio do Circulo de Xadrez de Bruxellas, que publicará em volume todas as partidas, devidamente commentadas pelos proprios concurrentes.

— Este anno Lasker, o campeão do mundo jogou em Brooklin 25 partidas simultaneas e ganhou todas ; depois, em Nova Orleans, 23 partidas simultaneas, das quaes ganhou 17, empatou 5 e perdeu uma.

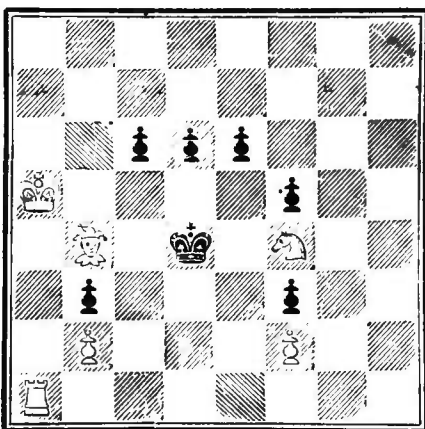
— O celebre compositor de problemas A. F. Mackenzie falleceu a 23 de junho proximo passado. Tinha 45 annos. Mas era cego ha já uns 10 ; não obstante, compunha assim mesmo problemas admiraveis.

— Tambem falleceu C. White, notavel compositor inglez.

PROBLEMA N. 14

M. F. Reimann

PRETAS (7)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 14

DEFESA STEIN

(Jogada no torneio de Ostende, a 20 de junho de 1905)

Branças (Marshall)		Prelas (Tschigorine)
P 4 D	— 1 —	P 4 B R
P 4 R	— 2 —	P × P
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C R	— 4 —	P 3 B D (a)
B × C (b)	— 5 —	P R × B
C × P	— 6 —	D 3 C D
T 1 C D	— 7 —	P 4 D (c)
C 3 C R	— 8 —	B 3 R (d)
B 3 D	— 9 —	C 2 D
D 2 R	— 10 —	R 2 B (e)
C 3 B R	— 11 —	T 1 R
Roque	— 12 —	B 3 D
P 3 B D	— 13 —	C 1 B R
C 4 T R	— 14 —	B 4 B R (f)
C (4 T) × B (g)	— 15 —	T × D
C × B x	— 16 —	R 3 R
C 8 B D	— 17 —	D 2 B D
B × T	— 18 —	R 2 B (h)
C 5 B R	— 19 —	C 3 R
C (5 B) 6 D x	— 20 —	R 3 C
B 3 D x	— 21 —	R 4 T
T D 1 R	— 22 —	C 5 B R
T 7 R	— 23 —	D 4 T D
B 1 C D	— 24 —	P 3 C R

P 3 C R	— 25 —	C 6 T R x
R 2 C	— 26 —	C 4 C R
B 3 D	— 27 —	T × C
C × T	— 28 —	D 1 D
P 4 T R	— 29 —	D × C
P × C	— 30 —	D 1 D

As brancas annunciam mate em 4 lances.

(a) O P R avançado não póde ser defundido ; se 4... P 4 D ; 5 — B × C, P R × B ; 6 — D 5 T R x, reganhando o pião e destruindo o centro adverso.

(b) O lance do texto é bom, mas P 3 B R é muito melhor.

(c) Podiam ganhar um pião por 7... D 4 T D x. Se 8 — P 3 B D, D × P T, seguido de D 2 B R, etc. ; e se 8 — C 3 B D, B 5 C D, etc. Nada vemos a temer nestas posições.

(d) Agóra seria perigoso ganhar o pião, porque a D ficaria fóra de jogo.

(e) Isto fornece ás Br. a almejada occasião para um ataque. As Pr. podiam jogar 10... D 5 C D x seguido de D 2 R.

(f) Este lance permite ao mestre americano um brillante sacrificio. Todavia, depois de 14... P 3 C R, 15 — P 4 B R, P 4 B R ; 16 — C 3 B R, as Br. téem uma excelente partida.

(g) Tschigorine devia esperar pelo sacrificio da D, porque espectadores de força média suggeriram o lance do texto. Em todo o caso, não tinha muito a escolher e talvez esperasse poder defender-se.

(h) O C branco não póde ser tomado nem agóra, nem no lance seguinte. A partida está perdida.

(Nolas de Fleischmann e Hoffer).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 13 (Mauricio Levy) : 1 — T 4 C D, ad libitum ; 2 — D, T, C, R (move) mate (8 variantes).

JOSÉ GETULIO.

Aproveitamos este fim de columna para immortalisar, tanto quanto isso nos é possível presentemente, a tocante declaração do advogado Sá Vianna, a respeito de uma das conclusões da secção de pedagogia do Congresso Scientifico Latino-Americano, que obriga o ensino leigo no curso de instrucção primaria. Esse advogado, mandando bugiar toda a sorte de progresso e de liberalismo, declara, com os olhos no azul, que não ficaria bem com a sua consciencia si approvasse aquella medida ultra liberal, que não é bem a mesma coisa que... ultramontana...

Alguns congressistas e todas as senhoras que faziam parte da assembléa, acompanharam o dr. Sá Vianna, mas a conclusão foi approvada por grande maioria... disseram os jornaes. A consciencia, porém, do advogado Sá Vianna está salva, sobretudo agóra que o chefe da Egreja, entre nós, empina a mitra, no alto da cabeça, arma-se de báculo, como de um « petropolis » e cõe sobre os jornalistas, que calumniam padres e frades e pódem divulgar ancias liberaes dos ferveros catholicos. Como homem de fé, elle não quer saber da sua jurisprudencia, manda-a para o demonio com todas as suas figas ; por isso, não tem, muito juntamente, o senso commum bastante a ver que, si o Congresso votasse o contrario do que votou, seria apenas idiota, porque, como toda a gente sabe, até o sr. Vianna, elle representa o espirito de nações emancipadas, nações republicanas.

Em todo o caso, devemos inteira homenagem, inteiro respeito ao venerando seculo e ao venerando mundo em que, ainda agóra, ferve e pensa o compassivo advogado.

REDONDILHAS

I) *Esparsa*

Tenho um relógio no peito,
Dou-lhe corda com cuidado;
De mecanismo perfeito,
Jámais esteve parado.
Com pancadinhas sonoras
Bate a todos os momentos:
Não marca o tempo por horas,
Mas sim por meus soffrimentos.

II) *Trova*

A minha immensa tristeza
Não ha lingua que traslade:
Só tu, lingua portugueza,
Com a palavra Saudade.

III) *Esparsa*

Tenho no peito uma porta
A bater continuamente —
Eu não sei como a supporta
O meu coração doente.
Por toda parte onde eu ando
Oíço este ruído infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saíndo.

IV) *Mote*

O meu coração saudoso
Bate as azas, quer voar.

Volta

O meu coração carpindo
Por estar longe de ti,
Resente um desejo infindo
De s'ir embóra daqui.
Sem ter descanso nem pouso
Sobre a terrá, sobre o mar
O meu coração saudoso
Abre as azas, váe voar.

V) *Vilancete*

Tenho notado em mim mesmo:
Quem ama, vive morrendo,
Quem ama, morre vivendo.

Volta

Desque Amor eterno e forte
Faz que em mim fogo resida,
Não sei se vivo na morte,
Não sei se morro na vida —
E nesta dôr não sabida
Estou vivo e vou morrendo,
Estou morto e vou vivendo.

VI) *Trova*

Eu dizia; «Eu te amo, eu te amo,
«Mas estou longe de ti.»
Cantava uma ave no ramo;
Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si.

«Eu padeço e choro tanto,
«Quando a magna acabará?»
A ave proseguia o canto:
Si-dó-ré-mi-fá-sol-lá.

«No mar das dôres eu ando,
«Não vejo luz nem pharol.»
A ave trinava em som brando:
Lá-si-dó-ré-mi-fá-sol.

«Da saudade esta alma escrava
Chorou, chora e chorará.»
A ave emtanto gorgeiava:
Sol-lá-si-dó-ré-mi-fá.

«Ah! quanto sou malfadado
«De viver assim sem ti.»
A ave erguia o seu trinado:
Fá-sol-lá-si-dó-ré-mi.

«Como sou triste!» eu carpia,
No meio do bosque, em pé,
Emquanto a ave repetia:
Mi-fá-sol-lá-si-dó-ré.

Emfim me estava cansando
De me achar assim tão só,
Ouvindo uma ave cantando:
Ré-mi-fá-sol-lá-si-dó.

E depressa fui embóra,
Mas de longe ainda ouvi
Daquella ave a vóz sonora:
Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si.

VII) *Esparsa*

Eu guardo na alma sombria
Meus dois moinhos de vento;
Um móe a minha alegria,
O outro móe o meu tormento.
Mas agóra, ó triste estado,
O' destino miserando!
O primeiro está parado
E o segundo está girando.

VIII) *Trova*

Meu martyrio se traslada
Deste mundo ao céu azul:
Minha alma é crucificada
Lá no Cruzeiro do Sul.

JOSÉ D'ABREU ALBANO

1905

CREPUSCULAR

O sol é rubra chaga, enorme, ensanguentada,
aberta pela Tarde a gangrenar o Poente;
o horizonte que tinha a côr branca-azulada,
toma um rôxo dorido ecchimotoico e doente.

Como um grito de côr grita a parte incendiada,
e no Vago a Tristêza anda a chorar dolente;
vâe-se rôxeando o sangue, a tinta avermelhada,
e o crepusculo desce opalico e silente.

E emquanto o sol se esvâe no Poente—a sua cruz —
num fulvo paroxismo hysterico de luz,
e a Treva filicida, esmaga a claridade;

eu tenho a percepção tragica nebulosa,
de olhar sinistra a Dôr, riscando em cada cousa
uma tela violacea e triste de saudade.

1905.

AUGUSTO RICARDO.
(Lisbôa)